



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

PEDRO IVO SOUZA DE ALCÂNTARA

**Economia e moral no arco de Terâmenes (*Hell.* 1.1.12 - 2.4.1):
questões político-econômicas na queda do Império Ateniense**

Brasília - DF
2022

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Pedro Ivo Souza de Alcântara

**Economia e moral no arco de Terâmenes (*Hell.* 1.1.12 - 2.4.1):
questões político-econômicas na queda do Império Ateniense**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História

Orientador: Henrique Modanez de Sant'Anna

Brasília - DF
2022

ECONOMIA E MORAL NO ARCO DE TERÂMENES (*Hell.* 1.1.12 - 2.4.1): QUESTÕES POLÍTICO-ECONÔMICAS NA QUEDA DO IMPÉRIO DE ATENAS

Pedro Ivo Souza de Alcântara

RESUMO

Este trabalho propõe recolocar a questão sobre o significado da figura de Terâmenes nas *Helênicas* de Xenofonte, relacionando a disposição do texto no arco narrativo da personagem Terâmenes (*Hell.* 1.1.12-2.4.1) a uma hipotética dualidade que imbricaria pensamentos econômico e ético na descrição sobre a queda do Império de Atenas. Por usar a expressão “pensamento econômico”, o artigo faz uma breve recensão de uma parte conhecida da discussão que se convencionou apresentar como dicotomia entre “modernistas” e “primitivistas”, a fim de que se possa fundamentar a caracterização da presente tese como consciente de seu aspecto polêmico. A partir dessa exposição, pretende-se defender que no referido trecho das *Helênicas* há uma unidade narrativa com dois polos: o da personagem Terâmenes e o das alianças e conflitos de Atenas, que induzem a algumas noções causais sobre a derrocada de Atenas – uma precipuamente econômica, outra precipuamente moral. Em caminho similar ao que percorreu Lisa Kallet ao tratar da questão econômica no que toca a Tucídides, conclui o trabalho que, delimitadas as circunstâncias históricas do autor da narrativa, é possível observar uma dimensão econômica nas *Helênicas*. Ao destacar essa hipotética dualidade (causalidade econômica e problema moral para a queda de Atenas), defende-se aqui que a personagem Terâmenes é vista não como um “oligarca moderado”, hipoteticamente representada com imagem positiva nos momentos finais de vida, mas como um permanente ator de interesses pessoais que desencadeiam uma “raiva inconsequente”, que não só desestabiliza a democracia ateniense, mas também planta a característica de efemeridade do regime subsequente.

Palavras-chave: Xenofonte, Tucídides, economia antiga, ética, ὀργή ἀπρονόητος.

ABSTRACT

This work proposes to revisit the question about the meaning of Theramenes' image in Xenophon's *Hellenica* relating the arrangement of the text in the narrative arc of the character Theramenes (*Hell.* 1.1.12-2.4.1) to a hypothetical duality that would intertwine economic and ethical thinking in the description of the fall of the Athenian Empire. By using the expression “economic thought”, the article makes a brief review of a known part of the discussion that was conventionally presented as a dichotomy between “modernists” and “primitivists”, in order to support the characterization of this thesis as aware of its controversial aspect. Based on this exposition, it's intended to defend that, in the aforementioned passage from the *Hellenica*, there is a narrative unity, with two poles, one is the Theramenes' character and the other is composed by the alliances and conflicts of Athens, which induce some causal notions about the fall of Athens, one of them is primarily economic, the other is primarily moral. In a similar path to the one taken by Lisa Kallet when dealing with the economic issue in Thucydides, our work concludes that, delimited to the historical circumstances of the author of the narrative, it is possible to observe an economic dimension in the *Hellenica*. By highlighting this hypothetical duality (economic causality and moral problem of the fall of Athens), it is argued that the character Theramenes is seen not as a “moderate oligarch”, hypothetically represented with a positive image in the final moments of his life, but as a permanent actor of personal interests that triggered an “inconsequential rage”, which not only destabilizes Athenian democracy, but also seeds the ephemerality of the subsequent regime.

Keywords: Xenophon, Thucydides, ancient economy, ethics, ὀργή ἀπρονόητος.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 O QUE SE QUER DIZER POR DIMENSÃO “POLÍTICO-ECONÔMICA” NAS HELÊNICAS	13
1.1 A ECONOMIA DE ATENAS EM BÖCKH, ANTES DA DICOTOMIA “PRIMITIVISMO X MODERNISMO”	13
1.2 DA CONTROVÉRSIA BÜCHER-MEYER À LEITURA DE LISA KALLET: “TEORIA ECONÔMICA” X “PENSAMENTO ECONÔMICO” NA LITERATURA ANTIGA	14
2 ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A QUESTÃO MORAL NAS HELÊNICAS	22
3 ECONOMIA NO ARCO DE TERÂMENES (HELL. 1.1.12 - 1.6.38)	25
4 DESLOCAMENTO MORAL NO ARCO DE TERÂMENES (HELL. 1.7.1 - 2.4.1)	33
4.1 A PARTICIPAÇÃO DE TERÂMENES NA CONDENAÇÃO DOS GENERAIS (HELL. 1.7.1. – 1.7.35) E NA PRESSÃO DO CERCO SOBRE ATENAS (HELL. 2.2.16 – 2.2.23)	33
4.2 O FECHO DO ARCO: MODERAÇÃO OU INSUSTENTABILIDADE? (2.3.15 – 2.4.1)	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

Terâmenes, filho de Hágnon, é uma personagem que recebe algum destaque na literatura grega¹ quando são tratados por essa literatura os eventos políticos que marcam o fim da Guerra do Peloponeso, no período entre a instauração da breve oligarquia dos Quatrocentos, em 411 AEC², e a nova derrota do regime de Atenas, em 404 AEC³. Um dos casos em que a importância dessa personagem se verifica é a elaboração da primeira parte das *Helênicas* de Xenofonte, que aborda aproximadamente esse período⁴.

É sobre a disputa do sentido da figura de Terâmenes no arco inicial das *Helênicas* que o presente artigo pretende se debruçar. Sobretudo, aqui é posta em questão a tese de que o texto das *Helênicas* bem valoraria Terâmenes como um “oligarca moderado”⁵.

Antes de iniciar, é de se notar que não se trata aqui de uma leitura sobre a figura histórica de Terâmenes, mas, especificamente, sobre o papel que tal pessoa tem na narrativa das *Helênicas*, embora breve comentário sobre essa figura em outras narrativas seja tratada brevemente apenas para melhor entender o contexto cultural de divergências acerca dela em que a obra *Helênicas* está inserida.

Defender-se-á que é cabível estabelecer um novo olhar sobre essa questão caso seja admitida a possibilidade de enxergar a existência de uma dualidade de “pensamento econômico” e pensamento ético no início das *Helênicas*, a fim de estabelecer nessa dualidade uma unidade narrativa no que chamaremos de “arco de Terâmenes”⁶, que sinaliza possíveis causas da queda do Império Ateniense.

Portanto, preliminarmente, antes de falar da figura de Terâmenes nas *Helênicas*, cabe ressaltar que é bastante visível, mesmo em uma análise meramente perfunctória de

¹ As abreviações dos títulos de obras antigas aparecem nesse texto conforme lista da 4ª ed. do *Oxford Classical Dictionary*. Para as demais citações, seguem-se as Normas Brasileiras da Associação Brasileira de Normas Técnicas, conforme: ABNT NBR n° 14724:2011 e n° 6023:2018.

² Como o artigo aborda também textos modernos, todas as datas Antes da Era Comum, considerando como referência o calendário gregoriano, serão seguidas da sigla AEC.

³ Assim é a identificação da personagem, por exemplo, em Thuc. 8.68 e em Arist. *Ath. Pol.* 28.3. Embora em *Helênicas* a primeira aparição da personagem ocorra sem a especificação patronímica, não há dúvida quanto à pretensão de referir-se ao mesmo sujeito.

⁴ O início das *Helênicas* se dá no contexto do deslocamento da Guerra do Peloponeso, após de findada a Oligarquia dos Quatrocentos em 411 AEC, configurado o deslocamento das batalhas entre Esparta e Atenas precipuamente para a região iônica junto à Ásia Menor e a área do Helesponto. Para comentário incidental sobre a tese bem consagrada de que as *Helênicas* de Xenofonte são uma intencional continuidade do texto de Tucídides, vide Cerdas (2019). Para uma exposição dirigida ao tema, vide MacLaren (1979).

⁵ Termos como “chefe da facção moderada” e “oligarca moderado” são muito presentes na discussão moderna sobre Terâmenes, como se verá abaixo.

⁶ *Hell.* 1.1.12-2.4.1.

diversas fontes primárias, que as valorações sobre tal personagem ganhavam contornos de disputa e controvérsia ainda na antiguidade.

As divergências se dão não só quanto ao valor moral das ações da personagem, mas também quanto à relevância de suas ações como causadoras de determinadas ocorrências do desenrolar dos fatos políticos em Atenas. Assim, verifica-se que nos textos antigos as disposições sobre a personagem são, por vezes, antagônicas.

A título exemplificativo da afirmação acima, salientamos quatro exemplos nos quais a divergência (e mesmo consciência da divergência) pode ser observada com alguma facilidade: o Livro VIII da *História* de Tucídides; os discursos *Contra Eratostenes* e *Contra Agorato* de Lísias⁷; os Livros XIII e XIV da *Biblioteca Histórica* de Diodoro Sículo⁸; e a *Constituição dos Atenienses*, atribuída a Aristóteles⁹.

Na *História* de Tucídides, a importância de Terâmenes para a narrativa é evidente: eis que, no contexto da ascensão da breve Oligarquia dos Quatrocentos, ele aparece referido como “um dos principais dentre os que derrubaram a democracia, homem que fora hábil tanto em discursar quanto em entender”¹⁰. Conquanto em *História* esteja bem marcada uma participação de Terâmenes na restauração da democracia, ele é apresentado¹¹ como mudando de posição diante do temor da organização dos democratas em Samos e do possível regresso de Alcibíades para o lado deles. Cabe menção ao fato de que um tom crítico similar aparece em *Rãs* de Aristófanes, ao ser Terâmenes descrito na obra como um sujeito esperto que “sabe dar a volta por cima”¹², um “sujeito habilidoso”¹³ em escapar de eventualidades em que estiver metido ou em vias de se meter.

⁷ Respectivamente, Lys. 12 e Lys. 13.

⁸ No que aqui interessa: Diod. Sic. 13.38; 13.101 e 14.3-5.

⁹ Desde a publicação da descoberta do texto, em 1891, há uma longa discussão sobre a autoria dessa obra. A título de exemplo, em Keaney (1992) vê-se a defesa de que o texto é do próprio Aristóteles, enquanto em Rhodes (1981) sustenta-se que há boa probabilidade na tese da escrita peripatética ser de um aluno anônimo de Aristóteles, embora mantenha-se inconclusiva a questão. Em Day (1967), os autores chegam a destacar que o texto deveria ser mais apreendido e estudado não só por historiadores, mas também pela tradição filosófica, no contexto da obra aristotélica, ainda que também mantenham cautela sobre a conclusão. Para uma apresentação em português sobre a descoberta do manuscrito e uma apresentação ao tema do debate da autoria, *vide* a introdução de Delfim Leão (2002) em Aristóteles (2015). É de se notar que muitas posições “pró-Terâmenes” foram tomadas na interpretação da figura histórica de Terâmenes exatamente em função de avalizarem como “prova” a posição desse texto. Para observar um exemplo desse deslocamento exegético, *vide* Perrin (1904). Para uma crítica daqueles que consideraram a valoração da personagem em *Ath. Pol.* uma “nova prova”, *vide* Harding (1974).

¹⁰ Thuc. 8.68.

¹¹ Thuc. 8.69.

¹² Ar. *Ran.* v. 540.

¹³ Ar. *Ran.* vv. 965-969.

Nos discursos *Contra Eratóstenes* e *Contra Agorato*, atribuídos a Lísias – um meteco, vítima da perseguição dos Trinta Tiranos – a valoração de Terâmenes é nitidamente negativa. Mesmo assim, o autor de *Contra Eratóstenes* relata¹⁴ que muitos dos Trinta tentavam fundamentar sua defesa na alegação de que eram amigos de Terâmenes, cujas realizações, alegavam eles, eram mais positivas do que negativas¹⁵. Desse modo, o texto, mesmo contendo uma reprovação evidente, não deixa de narrar uma percepção de que o discurso valorativamente positivo sobre a figura de Terâmenes tinha alguma possibilidade de adesão¹⁶ do público.

Já na *Biblioteca Histórica* de Diodoro Sículo, Terâmenes é apresentado¹⁷ com contornos nitidamente positivos, como aquele com reputação superior a todos em inteligência para julgamento, tendo sua ação ressaltada no restabelecimento da democracia, porque teria ele advogado o retorno de Alcibíades. Nesse texto¹⁸, Terâmenes é exaltado positivamente também ao ser caracterizado na narrativa de sua morte como alguém que tomou parte na filosofia junto a Sócrates e que impediu a ele e mais dois amigos de o defenderem, a fim de preservá-los, além do que ele é mostrado como forçado por Lisandro na derrocada da democracia¹⁹.

Por sua vez, na *Constituição dos Atenienses*, atribuída a Aristóteles, a figura de Terâmenes recebe contornos também ao menos parcialmente apologéticos²⁰. Terâmenes é apontado²¹, segundo a opinião popular, como um dos três maiores atenienses, afora os antigos, enquanto o autor, sobre a divergência acerca dessa figura, o dispõe como alguém contrário aos regimes contra a lei. Dessa forma, o próprio texto evidencia que, se em

¹⁴ Lys. 12.64 e seguintes.

¹⁵ Sobretudo em *Contra Eratóstenes*, parece claro que a necessidade discursiva de Lísias é de demonstrar que a possível defesa de alguns dos Trinta, incluído Eratóstenes, visava se apoiar no fato de que Terâmenes fora uma vítima de Crítias para, ao se ligarem ao primeiro, tentar dissociar minimamente sua imagem das perseguições do regime, enquanto o argumento de Lísias é que essa estratégia não os exime, porque Terâmenes seria uma pessoa bastante reprovável.

¹⁶ Em Harding (1974, p. 104), sugere-se que a razão disso pode derivar da pretensão de se desvincular da imagem do regime derrotado dos Trinta, pelo uso retórico da figura que pertenceu ao regime e foi dele vítima, ganhando o caráter de mártir.

¹⁷ Diod. Sic. 13.38.

¹⁸ Diod. Sic. 14.5.

¹⁹ Diod. Sic. 14.3.

²⁰ Terâmenes, Pisandro e Antifonte são caracterizados como homens de boa origem, com sagacidade, pessoas que são reconhecidas como tendo discernimento “ἀνδρῶν καὶ γεγενημένων εὖ καὶ συνέσει καὶ γνώμῃ δοκούντων διαφέρειν” (*Ath. Pol.* 32.2).

²¹ δοκοῦσι δὲ βέλτιστοι γεγονέναι τῶν Ἀθηνησὶ πολιτευσασμένων μετὰ τοὺς ἀρχαίους Νικίας καὶ Θουκυδίδης καὶ Θηραμένης (...) περὶ δὲ Θηραμένους, διὰ τὸ συμβῆναι κατ’ αὐτὸν ταραχώδεις τὰς πολιτείας, ἀμφισβήτησις τῆς κρίσεώς ἐστι. (*Ath. Pol.* 28.5).

relação aos outros dois não há polêmica sobre sua grandeza, em relação a Terâmenes haveria muito dissenso, por causa dos tempos conturbados em que sua ação se situa.

Portanto, tanto o texto atribuído a Lísias como o atribuído a Aristóteles expressam a divergência antiga não só em sua valoração evidentemente oposta da personagem, mas também na indicação dos textos da existência polêmica de uma imagem disputável já em tempos antigos.

Por fim, cabe mencionar que, quanto ao assim chamado *Papiro de Terâmenes*²², ocorre fato similar na exposição da polêmica já em tempos antigos. Apesar do pequeno conteúdo do texto apontar para uma apologia à figura de Terâmenes, a própria existência da produção de um texto de apologética da ação de Terâmenes quando de sua escolha para embaixada junto a Lisandro, já é reveladora da existência de uma disputa sobre o valor de sua imagem.

Embora seja possível, como se nota, em alguns casos, apontar com alguma clareza as tendências valorativas nos textos acima mencionados, sendo possível até ver uma tendência de valorização positiva nas fontes tardias em oposição às mais antigas, parte da tradição legou às *Helênicas* uma interpretação de dubiedade do autor da obra quanto ao tema, em especial em razão da oposição que Terâmenes faz a Crítias na terceira parte do Livro II²³, que conferiria a Terâmenes uma valoração no mínimo dúbia, haja vista que na primeira parte de seu arco a caracterização é visivelmente negativa²⁴.

O que aqui se pretende fazer é colocar em questão essa suposta ambiguidade atribuída ao autor quando de sua valorização da personagem. Vale lembrar que, em oposição aos focos sobre a suposta fama positiva feitos na *Constituição dos Atenenses* e na *Biblioteca Histórica*, é nas *Helênicas*, na fala final de Crítias antes de condená-lo, que está o reconhecimento do apelido dado a Terâmenes de “Coturno”²⁵, supostamente

²² Chama-se “Papiro de Terâmenes” o conteúdo textual fragmentário do material de dois itens que se complementam, ambos que remetem a achados de um sítio arqueológico de Karanis, situado ao norte de onde hoje é a cidade egípcia de Faium. O primeiro documento recebeu identificação taxonômica de *Papiro de Michigan n° 5982*, com publicação por Merkelbach e H. C. Youtie, no *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* (1968), p. 161-169. O segundo, posteriormente publicado, foi descoberto por A. Loftus, e foi identificado como Papiro de Michigan n° 5796b. O conteúdo da coluna principal do assim chamado “Papiro de Terâmenes” reconstruída pelos editores contém um debate sobre o envio de Terâmenes para negociar com Esparta. *Vide Loftus (2000)*.

²³ *Hell.* 2.3.15-56.

²⁴ Exceção notável dessa tendência na literatura internacional é vista em Kapellos (2019).

²⁵ A visão negativa é visível especialmente se considerada participação de Terâmenes na condenação dos generais (*Hell.* 1.7.1. – 1.7.35) e na pressão do cerco contra Atenas (*Hell.* .2.2.16 – 2.2.23), como se verá no capítulo 4 do presente artigo.

originado por causa da sua constante mudança de posição, sem qualquer contestação por parte do autor sobre uma possível ambiguidade dessa imagem.

Enquanto em *História* de Tucídides a mudança de posição está descrita, fazendo inferir uma possível crítica – bem como em *Rãs* de Aristófanes a sagacidade de Terâmenes é destacada, provavelmente em um tom de ironia que indica crítica moral –, é apenas nas *Helênicas* que se liga expressamente ao apelido de “Coturno” a facilidade de trânsito de Terâmenes em razão dele, por um lado, ser o mais disposto a derrubar a democracia e, por outro, ser alguém que fica contra a oligarquia dos Quatrocentos quando se forma uma oposição contra ela.

Em que pesem esses indicativos, como dito, parte importante da interpretação moderna legou à imagem do autor das *Helênicas* a posição de parcialmente simpático à figura de Terâmenes²⁶.

Em sentido contrário à tendência supramencionada de observar suposta simpatia do autor em relação à figura de Terâmenes, recentemente, Lucia Sano²⁷ manifestou uma proposta de leitura que, além de questionar a valoração da figura de Terâmenes na narrativa das *Helênicas*, põe a personagem como um importante pivô para uma crítica interna à democracia de Atenas, em conclusão próxima à posição de Kroeker²⁸, em *Xenophon as a critic of the Athenian democracy*.

Sano aponta que essa abordagem sobre a crítica interna à democracia tem um conveniente inclusive ao tempo presente, pois, em suas palavras, encarar o texto dessa forma:

[...] torna também possível aos democratas de hoje voltar-se para as *Helênicas*, como tão frequentemente se faz com Tucídides, para refletir sobre problemas que talvez sejam inerentes ao regime ou que ao menos ainda se apresentam como desafios para os quais é possível encontrar paralelos na história da democracia ateniense.²⁹

²⁶ É oportuno mencionar também que a posição de Kapellos não é isolada. Em Harding (1974, p. 101-102) há uma leitura de que os termos das *Helênicas* são evidentemente hostis à figura de Terâmenes, a ponto de que a hostilidade do trio Tucídides, Lísias e Xenofonte teriam moldado de tal forma, segundo sua tese, a visão erudita geral até o século XIX, apresentando-o de maneira negativa, como um vira-casaca traiçoeiro (*treacherous turncoat*), que apenas com a descoberta da *Constituição dos Atenienses* ao final daquele século, com uma abordagem valorativa diferente, possibilitar-se-ia a tendente tese de reabilitação da figura (histórica) de Terâmenes mencionada na nota 9 acima.

²⁷ SANO, Lucia. Terâmenes nas *Helênicas* de Xenofonte. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, n. 23, pp. 24-84, 2021.

²⁸ KROEKER, Ron. Xenophon as a critic of the Athenian democracy. *History of Political Thought*, v. 30, n. 2, 197-228, 2009.

²⁹ SANO, op. cit., 2021, p. 66.

É com essa percepção inicial que se pretende aqui olhar para o “arco de Terâmenes”³⁰ nas *Helênicas* – em que a personagem figura como relevante. Como novidade, propomos realçar a importância do tema econômico na descrição do texto³¹ como um vetor interpretativo que deve revelar uma unidade na descrição da queda do Império de Atenas de causalidade bicéfala: causa econômica e causa moral.

Desse modo, pretende-se fazer ver que a crítica implícita às ações de Terâmenes aparece no texto não apenas como um posicionamento em relação ao regime democrático, mas também a um modo de agir que macula qualquer regime, seja a democracia ateniense, seja a breve oligarquia que se estabeleceu em seu lugar. Pois, como bem afirma a própria Sano³², os resultados daquele modo de proceder de Terâmenes fogem ao controle do próprio autor dos fatos políticos.

É preciso notar que, quando falamos em causalidade “moral” relacionada à figura de Terâmenes nas *Helênicas*, não estamos concluindo – ao menos não inicialmente, nesse trabalho – sobre uma teoria moral do autor que permeia sua exposição histórica, mas apenas apontando a valorização positiva ou negativa implícita que o autor promove sobre Terâmenes em sua exposição da personagem e a relação que isso tem, no texto, com a queda do Império de Atenas.

Pretende-se, portanto, demonstrar que, se há certa facilidade para concluir, no que toca às *Helênicas*, que existe uma descrição negativa de Terâmenes tanto no episódio da *condenação dos generais que participaram da batalha de Arginusas* quanto no episódio da *negociação da rendição dos atenienses*, por essa ótica que aqui se propõe, deve ser possível concluir que no episódio da oposição de Terâmenes a Crítias também há uma imagem negativa, que resulta do desenrolar de uma rica narrativa que imbrica a) moral; b) declínio político-econômico de Atenas; e c) efemeridade do regime subsequente, o que o autor das *Helênicas* executa com notável tom de requinte literário³³.

³⁰ Leia-se: de *Hell.* 1.1.12, acima mencionado, a *Hell.* 2.3.56, quando da execução de Terâmenes, conforme título do artigo.

³¹ Embora em Kapellos (2019, p. 119-125) haja mesmo um subcapítulo inteiro para tratar das dificuldades econômicas do navarca espartano Callicrátidas, a abordagem do intérprete ao tema parece episódica, enquanto vemos na temática um eixo condutor da narrativa dessa primeira parte das *Hellênicas*, como se observará abaixo.

³² SANO, op. cit., p. 72.

³³ Notar-se-á abaixo que essa leitura é diametralmente oposta à consideração que aparece em Gray (1989, p. 94-), de que os eventos na narrativa das *Helênicas* seriam exposições de paradigmas isolados, em um sentido de que os episódios sobre uma mesma personagem não teriam um eixo expositivo, havendo na última cena da vida de Terâmenes uma reabilitação da imagem dessa personagem dada dentro de uma dicotomia entre amizade e traição.

Por esse método, pretendemos inverter a síntese sobre a “admiração relutante” na narrativa das *Helênicas* feita por Higett no seguinte enunciado: “antes de sua morte, ele [Terâmenes] mostrou coragem e senso de humor, extorquindo uma relutante admiração do antipático Xenofonte”³⁴ (tradução nossa). Queremos acentuar que a narrativa e o comentário “relutante” a que se refere Higett é produzido pelo narrador das *Helênicas* e não se trata de mera descrição analítica da personagem narrada, de modo que nossa leitura é de que a figura de Terâmenes é o alvo de uma ácida crítica na passagem referida.

A crítica é providenciada por uma ironia presente no fechamento do arco da narrativa sobre o fim do Império de Atenas, não se tratando de um elogio a um herói trágico enaltecido pela hombridade que demonstraria no momento da morte, como parece pensar parte da interpretação moderna. A afirmação ao final do arco sobre as declarações espirituosas e inteligentemente engraçadas de Terâmenes, quando do desfecho de seu declínio ³⁵, carrega um tom cômico no encerramento da narrativa sobre a vida de quem colaborou com artimanhas para o fim de um regime, apenas para ser morto pelo regime que ajudou a gestar.

Aqui se propõe, portanto, perceber que as ações dos atores políticos no que chamamos de “arco de Terâmenes” enredam-se no texto com as escolhas feitas que culminam no destino da *polis* ateniense, de modo que a soma das decisões, na narrativa, determina o ocaso moral e financeiro de Atenas no contexto da guerra.

Por consequência, se a leitura estiver correta, os atos de Terâmenes são cuidadosamente expostos ao menos como concausa da derrota de Atenas, que é cumulada com o emergir de um regime não só breve, mas também autofágico, brindado, na narrativa, com a declaração – que entendemos uma elaboração irônica – do autor. Referimo-nos à elogiosa consideração do autor sobre o caráter engraçado, espirituoso, que ele atribui a Terâmenes quando da declaração deste sobre seu esperneio e o brinde de cicuta, tomada na execução deste que é um dos principais causadores da queda de Atenas na narrativa.

A presente interpretação teve como motor uma intuição retirada da leitura que Lisa Kallet faz de Tucídides, ao destacar o emaranhamento entre o ético e o político-econômico no pensamento do autor.

³⁴ HIGNETT, C. **A History of the Athenian Constitution to the End of the Fifth Century B.C.** Oxford: Clarendon Press, 1952 *apud* HARDING, 1974, p. 106.

³⁵ *Hell.* 2.3.54-56.

Com base nisso, crê-se ser pertinente uma breve exposição do que se pretende aqui identificar como dimensão “político-econômica” do pensamento do autor grego, parte elementar de nossa interpretação, de modo a inserir o artigo em um projeto de destacar o assunto da economia antiga no fazer historiográfico.

Esse parece ser parte do trabalho de Kallet, aplicável para a interpretação de textos de autores cuja visão da produção e distribuição de riqueza seja tão diferente das múltiplas visões do presente.

1 O QUE SE QUER DIZER POR DIMENSÃO “POLÍTICO-ECONÔMICA” NAS HELÊNICAS

1.1 A ECONOMIA DE ATENAS EM BÖCKH, ANTES DA DICOTOMIA “PRIMITIVISMO X MODERNISMO”

Na transição do século XVIII para o século XIX³⁶, a Prússia produziria politicamente uma realidade de profissionalização acadêmica encabeçada pelo projeto de Friedrich Wilhelm von Humboldt, cuja relação com Friedrich August Wolf não pode ser ignorada.

Popularizador do termo *Altertumswissenschaft*³⁷, Wolf exerceu influência sobre grande parte desse movimento acadêmico prussiano do início do XIX, consolidando algumas diretrizes de um padrão de investigação naquele contexto sociopolítico. Nessa linha de estudos da *Altertumswissenschaft*, August Böckh, em 1817, publica a primeira edição de seu *Die Staatshaushaltung der Athener*³⁸, um monumental estudo sobre a produção na Ática e a capacidade tributária de Atenas.

No início do Livro II³⁹ do referido trabalho, Böckh faz uma comparação entre a administração financeira no que ele nomeia serem “estados da antiguidade” (*Staaten des Alterthums*) e os situados “nos tempos modernos” (*in neuern Zeiten*). O que move essa comparação é a pergunta introduzida no texto sobre se a operação do sistema financeiro nos tempos antigos tem a mesma importância que tem nos dias modernos, questionando se em ambos os casos tais fatores exercem influência em algum nível comparável no que tange ao “bem-estar e declínio dos Estados” (*den Bestand und Verfall der Staaten*)⁴⁰.

Destacadas as diferenças, a tendência de Böckh é claramente considerar válida a assimilação entre moderno e o antigo no tocante à administração financeira (*Finanzverwaltung*). O autor chega, inclusive, a concluir que tal má administração seria causa da derrocada de Atenas⁴¹. No tema, o que interessa ao presente artigo é essa

³⁶ Destaca-se o fenômeno da fundação da Universidade de Berlim como exemplo concreto da estruturação desse projeto.

³⁷ Para melhor compreender a questão, vide Payen (2011).

³⁸ BÖCKH, August. **Die Staatshaushaltung der Athener**. Vol. 1. 3ª ed. Berlin: Georgreimer, 1886.

³⁹ No capítulo nomeado “Se as finanças eram da mesma importância nos estados antigos como é nos tempos modernos” (*Ob die Finauzen in den Staaten des Alterthums dieselbe Wichtigkeit hatten wie in neuern Zeiten*), Ibid., p. 181.

⁴⁰ Ibid., p. 201.

⁴¹ Ibid., p. 205.

conclusão de Böckh de que a (por ele chamada) administração financeira seria causa de sua derrocada. O que aqui se pretende defender é que, guardadas as significações próprias de cada tempo, nas *Helênicas* o tema do declínio do Império de Atenas está intrinsecamente conectado com noções de causalidade que relacionam a queda e a deficiência do financiamento da *polis*.

Como se deve notar, seria anacrônico atribuir a Böckh uma classificação de “modernista” dentro da disputa dicotômica entre “modernistas” e “primitivistas”, visto que esta nasceria somente no final do século XIX, pois a classificação, que engoliu em parte as discussões posteriores sobre economia antiga, não se refere a seu tempo e objetivo de escrita.

Nesse momento do trabalho, por sua vez, é oportuno abordar a origem dessa dicotomia, para, entre outras razões, posicionar a atual tese, que fala em “pensamento econômico”, em relação às objeções de Bücher, componente original, junto com Meyer, da dicotomia entre “modernista” e “primitivista”. Isso porque Bücher, respondendo às críticas de Meyer, chegou a declarar que a origem de sua leitura (posteriormente nomeada “primitivista”) se relaciona exatamente com sua percepção de ausência de Teoria Econômica robusta no pensamento antigo.

De certo, o que aparece em *Helênicas* não é exatamente Teoria Econômica (*Theorie der Oekonomie*), que ocorreria, segundo Bücher, em um tipo de exposição como a típica de Aristóteles. Mas, ainda assim, julgamos que é possível chamar o que aparece nas *Helênicas* de “pensamento econômico” por razões que pretendemos destacar a seguir.

1.2 DA CONTROVÉRSIA BÜCHER-MEYER À LEITURA DE LISA KALLET: “TEORIA ECONÔMICA” X “PENSAMENTO ECONÔMICO” NA LITERATURA ANTIGA

A deflagração da disputa Bücher-Meyer – hoje tarjada “primitivistas-modernistas” e que futuramente seria absorvida por conhecidos nomes acadêmicos para além das raias da discussão alemã – deu-se com a publicação do texto *Die wirtschaftliche Entwicklung des Altertums: ein Vortrag* (1895), de Eduard Meyer⁴², cujo primeiro

⁴² MEYER, E. *Die wirtschaftliche Entwicklung des Altertums*. Iena: Gustav Fischer, 1895.

capítulo é literalmente chamado de uma “crítica das teorias de Rodbertus e Bücher”⁴³ e trata criticamente da pretensão de distanciamentos entre a produção econômica moderna e a antiga, apontando que haveria simplificações nas abordagens dos dois autores.

Quando da publicação de Meyer, que era professor de história antiga na Universidade Martinho Lutero de Halle, havia duas décadas que Johann Karl Rodbertus, intelectual com carreira política, já havia falecido, enquanto que Karl Bücher era professor de *Nationalökonomie* na Universidade de Leipzig⁴⁴.

Esses detalhes biográficos não são de pouca relevância, haja vista que o debate ganharia contornos também de discussão sobre a legitimidade social de certas formações para se adentrar na conversa – que é claramente interdisciplinar⁴⁵ – e até mesmo sobre a significação científica (ou ausência dela, a depender da intensidade da crítica) de debates futuros que se mantêm na esteira da dicotomia Bücher-Meyer⁴⁶.

Sinteticamente, a razão da crítica de Meyer a Rodbertus é a concepção deste de que a produção antiga deve ser compreendida diferentemente da moderna, pois a realidade econômica antiga seria baseada em uma estrutura específica que Rodbertus nomeia *Oikenwirtschaft*, definida na crítica de Meyer como uma “economia autônoma do agregado familiar individual que satisfaz as próprias necessidades”⁴⁷ (tradução nossa), ao passo que o crítico afirma que essa formatação da economia antiga é contradita por tudo que se sabe da antiguidade. Neste artigo, por uma questão de limitação de espaço, deixaremos de lado esse conflito de Meyer diretamente com Rodbertus sem mais esclarecimentos.

Em relação a Bücher, Meyer o trata como defensor e desenvolvedor da posição de Rodbertus e refere-se, para tanto, à abordagem de Bücher – que, quando de sua tentativa de explicar o *surgimento da economia nacional*, estabelece um recorte intransponível entre, de um lado, um passado do qual se teria evoluído e, de outro, o presente a que chega o processo evolutivo.

⁴³ *Kritik der Theorien von Rodbertus und Bücher*, Ibid., p. 1.

⁴⁴ Para dados biográficos dos disputantes e uma análise dos desdobramentos da disputa *vide* Reibig (2001).

⁴⁵ Para uma discussão sobre o debate que destaca a complexidade interdisciplinar no aprofundamento e permanência do debate, ver Ibidem.

⁴⁶ Para uma exposição do tema que contém uma apresentação crítica, *vide* Palmeira (2018). Sobre o costume de haver simplificações retóricas das posições porventura mais complexas do que realmente exposto por cada autor da tradição da controvérsia, *vide* o comentário em Millette (1991, p. 9-).

⁴⁷ MEYER, 1895, p. 1.

A origem textual da crítica é especificada por Meyer. Bücher elaborou uma coletânea, em 1893, chamada *Die Entstehung der Volkswirtschaft: Sechs Vorträge*⁴⁸, contendo um ensaio homônimo e que tem por objetivo criticar leituras anteriores sobre os processos de produção que tornam identificáveis tais procedimentos em todos os tempos da atividade humana. A posição de Bücher emana uma visão evolutiva do processo econômico em fases que seriam claramente observáveis.

A exposição acaba por se tornar uma crítica ao pensamento universalizante dos fenômenos econômicos, como ocorre em Adam Smith e David Ricardo. Para Meyer⁴⁹, ao fazer sua crítica Bücher sintetiza um processo de desenvolvimento econômico como evolutivo em três fases (também demasiadamente estanques, exageradamente esquemáticas), cujo primeiro período, o de economia “de organização doméstica fechada” (*der geschlossenen Hauswirtschaft*), iria do primórdio da cultura até a Idade Média, no início do segundo milênio do calendário cristão, o que cobriria, evidentemente, toda a antiguidade.

Tal etapa de desenvolvimento, em que estaria inserida as antiguidades ateniense e romana, na formulação de Bücher, caracteriza-se em razão de que seu ciclo econômico, da produção ao consumo, ocorreria em função de um círculo fechado do lar (da família ao *genos*). É a partir dessa interpretação exposta que Meyer⁵⁰, para elaborar sua crítica, explica a razão da assimilação que Bücher faz de Rodbertus.

É discutível até que ponto o termo *Geschlossen* no centro da formulação de Bücher implica em uma noção equivocada ou suposta ignorância quanto aos desenvolvimentos produtivos e distributivos relacionados à Ágora ateniense ou ao Pireu, para ficarmos no exemplo grego.

É um tanto evidente que a noção de “fechamento” presente no termo para um período e local tão amplo expressa a intenção de Bücher de circunscrever um limite de nível de produção às necessidades fundamentais da atividade doméstica⁵¹, de modo que – e essa é sua tese – não se ganharia suficiente escala na produção antiga para a formação de uma chamada “Economia nacional” (*Volkswirtschaft*). Portanto, no pensamento de Bücher, *Volkswirtschaft* é o termo que caracteriza a tipicidade moderna face à

⁴⁸ BÜCHER, Karl. *Die Entstehung der Volkswirtschaft: Sechs Vorträge*. Tübingen: H. Laupp, 1893.

⁴⁹ MEYER, op. cit., p. 2.

⁵⁰ MEYER, op. cit., p. 2.

⁵¹ Nesse sentido, *vide* Reibig (2001, p. 13).

produtividade relativamente reduzida no período pré-moderno, com padrões próprios, limitados por um fechamento específico relacionado aos objetivos de produção. É com base nessa divisão que se passou a caracterizar a leitura de Bücher no que podemos chamar, em português, de “primitivista”, face ao fato de que Bücher conceptualiza o período moderno em dicotomia com o pré-moderno, “primevo”, *primitivus*.

O conflito entre essas personalidades gerou uma série de publicações e parte da resposta de Bücher no confronto interessa ao presente trabalho – especialmente porque, no aspecto que aqui importa, que é a produção intelectual grega, Bücher produziu uma observação importante acerca de uma hipotética inexistência de teoria econômica robusta no mundo antigo.

No início de *Zur Griechischen Wirtschaftsgeschichte*⁵² – em que Bücher, em declarada resposta a Meyer e Beloch⁵³, foca na caracterização de Atenas e do que ele chama de “Áreas Industriais Pan Helênicas” (*Panhellenische Industriegebiete*), no intuito de avaliar a produtividade grega (lã; metalurgia; carroças; cerâmica) – há um destaque sobre o que ele afirma ser ausência de uma teoria econômica desvinculada à ética e não relacionada à economia privada:

Sempre me impressionou que a ciência helênica, em relação a qual nada humano se manteve estranho, tenha produzido uma teoria de Estado ricamente desenvolvida, mas apenas uma pobre teoria econômica, calcada na ética e que sempre permaneceu puramente privada⁵⁴.
(tradução nossa)

Portanto, em favor de sua posição sobre a economia antiga, Bücher produz a afirmação de que a antiga “teoria econômica” (*Theorie der Oekonomie*), incipiente, “está calcada na ética” (*in der Ethik steckengebliebenen*) e “sempre permaneceu puramente privada” (*immer reine Privat Ökonomie geblieben*).

Como o próprio Bücher enuncia em seguida, ao falar em “teoria econômica”, ele estava a se referir ao modo de pensamento presente no primeiro livro da *Política* de Aristóteles, que inclusive o teria conduzido a aderir à *Oikentheorie* de Rodbertus.

⁵² O texto consta em Bücher (1922), que compila algumas de suas elaborações anteriores, dedicando a primeira parte inteira à Antiguidade Clássica.

⁵³ Embora ainda não mencionado aqui, o historiador Karl Julius Beloch também foi importante nessa polêmica. Para mais informações sobre o alinhamento de Beloch com Meyer, *vide* Reibig (2001, p. 82-105).

⁵⁴ BÜCHER, 1922, p. 5.

Embora haja muitos desenvolvimentos posteriores oriundos dessa discussão, aqui não será possível tratá-los em extensão. Menciona-se apenas que, no desdobramento dessa disputa, Moses Finley ganhou importância singular, exercendo grande influência ainda hoje⁵⁵.

De maneira extremamente sintética, é possível afirmar que Finley, contra a tendência inaugurada pela crítica de Meyer, embora em outra circunstância de discussão acadêmica, reforça o paradigma de que seria impossível falar em “economia” e “econômico” no mundo antigo, caso por esses termos estejamos pressupondo o sentido corrente da palavra, que é profundamente moderno.

Em seu livro nomeado *The Ancient Economy*, originalmente publicado em 1973, Finley explica, de forma aparentemente paradoxal, que o ponto do texto é justamente demonstrar que aquilo que ocorre na antiguidade clássica é único em comparação à modernidade capitalista, de modo a não serem aplicáveis categorias modernas de economia em sua análise.

Uma de suas pretensões com a afirmação é afastar noções de eternidade quanto aos processos sociais de produção e administração econômica. Para evidenciar tal projeto, vale a citação direta do prefácio composto por ele em 1977 e que aparece na edição em português:

É paradoxal que tenha escrito um livro intitulado *A Economia Antiga* ao mesmo tempo que afirmo que os próprios gregos e romanos não possuíam qualquer conceito de “economia”. Explico por que no primeiro capítulo, onde também justifico esta tentativa de analisar um objeto que não era reconhecido como tal, na época, pelos próprios participantes. Aqueles que recensaram o meu livro, quase todos historiadores ou economistas dominados pela tradição neo-clássica, parecem ter em grande parte compreendido mal o sentido, e o objetivo, desse primeiro capítulo. Viram nele apenas uma concessão à convenção segundo a qual convém começar por uma “história da matéria”, combinada com uma lexicografia irrelevante. Mas esse capítulo não é nem uma coisa nem outra. Se o leitor não se deixar convencer (ou, pelo menos, se não estiver disposto a admitir a hipótese) de que “*economia*” e “*económico*” são, no seu sentido corrente, *termos e conceitos modernos*, produtos do capitalismo moderno que *não podem ser aplicados de maneira automática* - como se as atitudes práticas que

⁵⁵ Atualmente, no Brasil, um importante trabalho sobre Finley vem sendo produzido por Miguel Soares Palmeira, professor de metodologia e teoria da História na Universidade de São Paulo e pesquisador na área de História da Cultura. Sua tese de doutorado gerou o livro *Moses Finley e a Economia Antiga: a produção social de uma inovação historiográfica*; entretanto, aqui só conseguimos acesso à tese homônima, disponível no sítio eletrônico de banco de teses da Universidade de São Paulo, conforme consta na bibliografia.

implicam fossem inatas no homem a outras formações sociais, então o resto do livro não terá nem ponto de partida nem coerência interna. Escrevi “como se fossem inatas no homem” deliberadamente, dando às palavras o seu sentido quase literal. Muito do que se escreve no Ocidente sobre história económica parte do princípio – às vezes explícito – de que o homem “naturalmente” regateia, calcula e procura um lucro pela troca.⁵⁶ (grifo nosso)

É de se perceber que a preocupação de Finley com o cuidado no uso da palavra “econômico” a se referir a questões da antiguidade clássica goza de uma moderação, não considerando o autor uma vedação absoluta, mas um destaque à necessidade de não transpor de automaticamente noções contemporâneas para o passado, especificamente uma palavra com carga moderna ao passado clássico de modo irrefletido. Seu objetivo é evitar a sugestão apontada por ele como equivocada de que a economia moderna seria um desdobramento linear do aperfeiçoamento de instituições que já existiam na antiguidade e teriam apenas amadurecido.

Entretanto, como mencionado pelo próprio Finley⁵⁷, há dois tratos breves sobre “economia da *Polis*” em um sentido mais próximo do sentido contemporâneo, um no início do Livro II do texto nomeado *Economia*, atribuído à escola aristotélica⁵⁸, outro em uma peça *Contra Demóstenes* do orador Dinarco⁵⁹, ambas as ocorrências apresentando “economia” com um significado próximo de *gestão dos assuntos públicos*. No entanto, para Finley, a escassez de análises sobre o tema, ainda que já havendo o anúncio desse tema no texto antigo, é sintomático da relevância de sua proposição sobre a diferença entre os dois momentos, o moderno e o antigo.

É verdade que Finley faz questão de minimizar a significância desses trechos acima mencionados⁶⁰ e também⁶¹ de mostrar a diferença entre, por um lado, o que se pode chamar de “análise econômica” em pensadores antigos – como ocorre em Aristóteles (*Política e Ética a Nicômaco*) e Xenofonte (*Economia*) – e, por outro, o trato do tema que foi desenvolvido no final do século XVIII, que ele caracteriza efetivamente como “a economia” (*the economy*), com o diferencial de que na modernidade há claro viés de análise de produtividade.

⁵⁶ FINLEY, M. I. **A economia antiga**. São Paulo: Afrontamento, 1980, p. 5.

⁵⁷ Id. Aristotle and Economic Analysis. **Past & Present**, n. 47, 1970, p. 15.

⁵⁸ Arist. [*Oec.*] 1345b7-1346a25.

⁵⁹ *In Dem.* 1.97.

⁶⁰ FINLEY, op. cit., loc. cit.

⁶¹ *Ibid.*, passim.

Portanto, gostaríamos de destacar que a própria necessidade de discussão desses problemas⁶² em sua obra aponta para a viabilidade de se falar em “economia” no texto das *Helênicas*.

Por essas aparições, em especial aquela no início do Livro II da já mencionada *Economia* atribuída ao seio do Liceu, que trata de quatro tipos de economia (*basílica*, *satrápica*, política e individual)⁶³, vê-se que não seria anacrônico falar em “econômico” no contexto clássico com uma conotação de gestão pública financeira, especialmente no contexto em que se dá a discussão da primeira parte das *Helênicas*.

Por sua vez, é na esteira de Lisa Kallet e sua análise sobre a obra de Tucídides que, quando falamos em “pensamento econômico”, não nos referimos a formulações explicativas teóricas sobre o funcionamento de uma economia política, mas sim à reflexão sobre os fatos sociais financeiros, com base na descrição de uma observação do autor grego que revela a importância do fenômeno financeiro no pensamento desse autor.

É na introdução de seu trabalho de 1993, *Money: expense and naval power in Thucydides*, que Kallet fala em pensamento econômico (*economic thought*) em Tucídides como algo contido no seu projeto de leitura do historiador, um autor inserido na história das ideias acerca da riqueza e o poder e na história do pensamento econômico:

Esse estudo pretende ser o primeiro de um longo projeto sobre a *História*⁶⁴ que examinará o papel dos recursos financeiros em todo trabalho, explorando o lugar de Tucídides na história das ideias sobre a riqueza e poder e a *história do pensamento econômico*⁶⁵ e, assim, olhar mais compreensivamente as atitudes sobre a riqueza pública e seu investimento para obter poder para a polis no final do quinto século⁶⁶. (tradução nossa, grifo nosso)

Ainda na introdução desse livro, Kallet⁶⁷ faz uma breve crítica ao comentário que Finley faz na sua introdução à tradução de Rex Warner da *História* de Tucídides, publicada pela *Penguin Classics*. Nessa edição, de 1974, Finley destaca que Tucídides tem “lacunas surpreendentes” em suas análises e que, portanto, ele não teria interesse

⁶² Para uma crítica à visão de Finley com uma defesa da tese de que as considerações dos textos atribuídos a Aristóteles indicam a que, à época do século IV, Atenas tinha desenvolvido alguns elementos de economia de mercado, *vide* Meikle (1979).

⁶³ οἰκονομίαι δὲ εἰσι τέσσαρες, ὡς ἐν τύπῳ διελέσθαι (τὰς γὰρ ἄλλας εἰς τοῦτο ἐμπιπτούσας εὐρήσομεν), βασιλική σατραπική πολιτική ιδιωτική (grifo nosso).

⁶⁴ Refere-se a autora à História da Guerra do Peloponeso.

⁶⁵ No original: “*history of economic thought*”.

⁶⁶ KALLET, Lisa. **Money, Expense, and Naval Power in Thucydides’ History 1.5.24**. Los Angeles: University of California Press, 1993, p. 5.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 2.

econômico, já que não trata de balanços econômicos da atividade tributária de Atenas – embora possivelmente fosse a ele acessível o que se tem descoberto sobre as inscrições tributárias de Atenas. A crítica de Kallet é que há pressuposições nessa abordagem que são vinculadas à disputa do século XIX e do XX – como, por exemplo, a pressuposição de que, para haver interesse “econômico” em um autor do século V AEC, seria necessária uma aptidão e disposição (tipicamente moderna) para a apresentação de balanço patrimonial.

Em 2002, Kallet publica *Money and the corrosion of power in Thucydides*, que tem ainda mais afinidade com o presente artigo, por tratar do tema da ruína do poder de Atenas. Nessa obra, a conclusão de que Tucídides usa intencionalmente o tema das finanças tem importante compatibilidade com nossa perspectiva sobre as *Helênicas*. O trecho é o que segue:

Tucídides emprega uma variedade de métodos para desenvolver e iluminar os temas de dinheiro e financiamento de guerra e relacioná-los com questões mais amplas e temas da obra. Entre suas estratégias, deslocamento temporal, antecipação, apresentação negativa, anedota, metáfora, intertextualidade e, no livro 8, a concentração frequente e exclusiva em questões financeiras nos discursos indiretos relatados, que privilegiam o tema do financiamento, não só servem para manter a atenção do leitor no aspecto financeiro da guerra, mas também são projetados para guiar o leitor a tirar conclusões sobre os usos impróprios de dinheiro em um contexto militar e para compreender o significado maior dos acontecimentos. Ao mesmo tempo, tais métodos destacam elegantemente ironia e ambiguidade, que formam uma parte essencial da abordagem de Tucídides dos temas de dinheiro e finanças⁶⁸.
(tradução nossa)

Tal “pensamento econômico” nos parece presente também na primeira parte das *Helênicas*, um dos dois vetores de interpretação importantes para entender o que aqui chamamos arco de Terâmenes.

Falemos, a partir de então, do outro vetor interpretativo do arco, que é a implícita questão moral, principalmente quando dos problemas de política interna de Atenas a partir do julgamento dos generais da Batalha de Arginusas, episódio em que Terâmenes ganha protagonismo.

⁶⁸ KALLET, Lisa. *Money and the Corrosion of Power in Thucydides*, 2002, p. 285.

2 ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A QUESTÃO MORAL NAS HELÊNICAS

Na formulação de Vivienne Gray⁶⁹ sobre as *Helênicas*, Terâmenes teve um fim positivo e otimista, com um discurso final que afirma certa confiança no espírito humano. Terâmenes teria a mesma coragem filosófica e equanimidade que aquela atribuída a Sócrates nessa obra.

John Dillery⁷⁰, por sua vez, destaca o que para ele é um contraste muito grande entre, de um lado, a narrativa da apresentação de Xenofonte como inescrupuloso no julgamento dos generais da Batalha de Arginusas e, de outro, do “componente apologético” na passagem do diálogo de Terâmenes com Crítias. O fundamento apontado por Dillery para essa hipotética mudança seria a defesa da própria imagem que o autor da obra executaria no trecho final da exposição sobre Terâmenes – visto que Xenofonte, cavaleiro, poderia ter participado do governo dos Trinta e, por isso, desejaria apresentar um Terâmenes moderado como autoapologia.

Andrew Wolpert⁷¹ mantém a base da leitura, afirmando que a retratação de Xenofonte seria ambígua, visto que é negativa antes da guerra civil, mas simpática quando de sua morte nas mãos de Crítias. Portanto, é visível que há uma tendência na tradição de valorizar a discussão entre Crítias e Terâmenes como um momento de mera exaltação positiva da figura de Terâmenes.

A posição é mantida por Sebastiani e Leão, ao destacarem que a figura de Terâmenes em Xenofonte é ambivalente, despontando na literatura grega uma abertura à recuperação da imagem dessa pessoa nas *Helenicas*. Os autores parecem destacar uma evolução cronológica entre os autores antigos quanto à figura de Terâmenes. Vale a menção do trecho:

De Tucídides a Lísias temos como que uma curva ascendente e cumulativa de acusações imputadas a Terâmenes, tanto mais graves quando associadas ao reconhecimento de seu talento prático e intelectual, ainda que o retrato produzido por Xenofonte seja ambivalente, porque marcado por acusações indiretas, atribuídas intranarrativamente a outras personagens. Mas é em Xenofonte também que uma apreciação alternativa parece começar a despontar, apreciação que alcançará maior veemência na Constituição dos atenienses, em que

⁶⁹ GRAY, 1989, p. 77.

⁷⁰ DILLERY, J. **Xenophon and the history of his times**. London/New York: Routledge, 1995, p 144.

⁷¹ WOLPERT, Andrew. **Remembering Defeat: Civil War and Civic Memory in Ancient Athens**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2002, p. 10.

o retrato do líder ateniense é traçado de um ângulo totalmente favorável.⁷²

A perspectiva de Lucia Sano, por outro lado, destoa dessa tendência majoritária. Sano nota uma consideração de Dillery sobre a imagem dos Trinta denotar um paradigma de regime injusto (em um eixo expositivo que não vale apenas para o declínio de Atenas, mas para o de Esparta também, na continuidade das *Helênicas*), para daí derivar a conclusão de que o arco narrativo de Terâmenes aponta para um par de uma atuação autofágica com contornos caricaturais, em que Terâmenes está longe de ser o “defensor da lei em qualquer regime”, quando da crítica a Crítias, mas um defensor de um cru realismo político. *In verbis*:

Como bem já analisou DILLERY, a narrativa de ascensão e queda dos Trinta Tiranos nas *Helênicas* observa uma coerência interna e é um paradigma que orienta também o entendimento da subsequente derrocada espartana na política grega; trata-se de um relato programático de regime injusto que se destrói a si mesmo por falta de autocontrole e, talvez por isso, os seus atores ganhem um ar às vezes caricatural. Nessa organização narrativa, Terâmenes faz o mesmo papel que Euríptolemo havia feito quando do julgamento dos generais de Arginusas: este buscou em vão esclarecer para o povo as condições pelas quais o resgate não havia ocorrido e os motivos pelos quais eles deveriam permitir julgamentos individuais aos generais; aquele em vão tentou persuadir Crítias que os meios de manutenção do poder oligárquico não eram a violência exacerbada e o controle, que apenas davam origem a um número maior de oponentes. Os dois estavam certos; a diferença é que Euríptolemo organiza seu discurso em torno da obediência às leis e da justiça. Por comparação, me parece haver pouco no discurso de Terâmenes que seja mais do que a visão de um conhecedor da *Realpolitik* grega.⁷³

Estamos em pleno acordo no que toca ao apontamento acima. Nesse sentido, Sano conclui que a derrocada de Terâmenes nas mãos de Crítias não se daria por sua constância e amor à prudência, à lei ou a algo similar, mas em razão da incapacidade própria do tirano de manter amigos – que, no caso é Crítias, dada a natureza volitiva do tirano:

Não é à toa que o homem das muitas *metabolai* (ora um democrata, ora um dos 400 oligarcas, ora parte da resistência democrática, ora um dos Trinta e, por fim, de novo uma voz dissidente) encontre seu fim pelas mãos do tirano, de quem ele se supunha amigo. Penso que a já mencionada interpretação de Gray (1989) desse episódio como da representação do declínio da amizade entre Terâmenes e Crítias pode

⁷² SEBASTIANI, Breno Battistin; LEÃO, Delfim F. Crises e mudanças na democracia ateniense: a atuação de Terâmenes entre oportunismo, legalismo e a ‘terceira via’. **Boletim de Estudos Clássicos**, n. 65, 2020, p. 47.

⁷³ SANO, 2021, p. 75.

ser revista. Segundo essa interpretação, Terâmenes é a vítima da relação rompida e age no papel de amigo de Crítias; antes um paradigma de “misantropia e ingratidão”, ele passaria a um de “lealdade e constância”, exemplificando que a traição não significa se opor ao que os amigos fazem, mas que isso, pelo contrário, pode ser visto como prova de amizade. Acredito que esse episódio pode também ser entendido como demonstração de que o tirano não tem amigos e isso é não só a sua ruína, mas também a ruína daqueles que acreditam poder se aliar a ele. A privação de amizades é um elemento bem marcado na tópica da tirania, explorado também por Xenofonte no seu diálogo *Hieron*.⁷⁴

Nos parece coesa a leitura de Sano, mas também cremos ser possível aprofundar a questão da imagem de Terâmenes no seu arco nas *Helênicas*, em uma observação que vai além de Sano sobre o caráter tirânico de Crítias para afirmar também o caráter tirânico de Terâmenes, através da visualização de uma unidade de cunho explicativo da derrota de Atenas, entre a questão econômica e a moral. É o que se pretende fazer a seguir.

⁷⁴ Ibid., p. 79.

3 ECONOMIA NO ARCO DE TERÂMENES (*HELL.* 1.1.12 - 1.6.38)

É possível dizer que a tese aqui defendida é um amalgama entre dois movimentos: a) a aplicação das intuições de Kallet na obra de Tucídides sobre existência de pensamento econômico a outra obra: as *Helênicas* e b) o aprofundamento das conclusões de Sano contra a imagem de que há um “Terâmenes moderado e reabilitado” nessa mesma obra.

O eixo condutor dessa leitura é a hipótese de que no arco de Terâmenes (*Hell.* 1.1.12 - 2.4.1) é observável uma unidade de pretensão explicativa para a queda do Império Ateniense, que pode ser didaticamente estendida entre dois polos: o ocaso financeiro da *polis*, marcado pelos eventos militares e diplomáticos, e um conflito político interno marcado por algum protagonismo de Terâmenes.

Quanto ao primeiro eixo, ressaltamos que a percepção na literatura historiográfica grega da importância determinante do financiamento para o desfecho da guerra não é uma invenção de Tucídides.

É de se destacar que se em Heródoto⁷⁵, por um lado do conflito, os preparativos para a Guerra de Xerxes são marcados por uma ação de promessa de dar os presentes de maior valia (δώσω οἱ δῶρα τὰ τιμιώτατα) para aquele que, entre os da plateia que convocara para a guerra, trouxesse o maior contingente, por outro, o narrador diz defender a tese, que seria polêmica, de que a Guerra foi essencialmente vencida pela posição dos atenienses na Batalha de Salamina. Tal conquista só seria obtida, segundo o narrador, porque Temístocles, antes do confronto ser iminente⁷⁶, teria persuadido os atenienses a usar os frutos da mina de prata de Laurion, que veio a ser parte da maior riqueza comum dos atenienses (Ἀθηναίοισι γενομένων χρημάτων μεγάλων ἐν τῷ κοινῷ), não para distribuir na razão de dez dracmas para cada um, mas para financiar a produção de duzentas naus.

⁷⁵ Hdt. 7.8 e 7.144.

⁷⁶ No contexto de uma hipotética disputa contra Égina, que não veio a ocorrer, conforme a narrativa.

É evidente, entretanto, que a questão econômica é bastante mais presente a partir⁷⁷ de Tucídides⁷⁸.

As motivações e efeitos econômicos aparecem em Tucídides desde o resumo inicial da história grega primitiva⁷⁹, no Livro I. Ao tratar 1) da pirataria no Egeu oposta por Minos, como condição de desenvolvimento do comércio, base tributada do que será a primeira talassocracia da região egeia; 2) das dificuldades de aprovisionamento grego na Guerra de Troia, que alongariam sua duração (o que parece, segundo Smith, um modelo de guerra em contraste com o de reservas econômicas, como ocorre no enfrentamento ateniense com Esparta); e 3) da relação entre a situação das *poleis* localizadas em terras não totalmente adequadas para agricultura com a exploração naval, Tucídides faria visíveis alguns fundamentos econômicos de determinadas situações políticas e militares, conforme seu entendimento.

Além disso, no tratamento da própria Guerra do Peloponeso, como bem argumenta Smith⁸⁰, há outros elementos a indicar uma consciência de motivações, causas e efeitos econômicos no curso do conflito. Afinal, como é possível ilustrar com as palavras do diarca espartano Arquidamo, no Livro I, “a guerra não é tanto uma questão de armas quanto de custos (ou investimentos)” (ἔστιν ὁ πόλεμος οὐχ ὄπλων τὸ πλεόν ἀλλὰ δαπάνης)⁸¹. Essa consciência sobre a relação entre o possível sucesso em conflito bélico e a obtenção de recursos também é apresentada na palavra da liderança ateniense de Péricles, que enaltece a inexperiência dos peloponésios em conflitos ultramarinos, relacionando seu possível insucesso nesse quesito a sua situação de gestão agrária, bem como à ausência de riquezas⁸².

⁷⁷ Destaca-se, inclusive, que na *Constituição dos Atenienses*, texto bem posterior a Heródoto, a abordagem do tema descreve um viés administrativo ainda maior, com uma administração mais complexa na formulação da proposta de uso da prata para construção das trirremes e com uma pequena narrativa sobre o Areópago ter organizado os pagamentos que garantiram o enfrentamento em Salamina (*Ath. Pol.* 23.7 e 24.1).

⁷⁸ Para uma argumentação sobre a consciência do autor da motivação econômica para certos fenômenos políticos, *vide* também Smith (1994).

⁷⁹ Também chamada *Archaeologia* de Tucídides.

⁸⁰ SMITH, 1994, p. 282.

⁸¹ Thuc. 1.83.

⁸² αὐτουργοί τε γὰρ εἰσι Πελοποννήσιοι καὶ οὔτε ἰδίᾳ οὔτ' ἐν κοινῷ χρήματά ἐστιν αὐτοῖς, ἔπειτα χρόνιων πολέμων καὶ διαποντίων ἄπειροι διὰ τὸ βραχέως αὐτοὶ ἐπ' ἀλλήλους ὑπὸ πενίας ἐπιφέρειν. (Thuc. 1.141).

Essas e outras miríades de exemplo podem também ser encontradas no trabalho de Lisa Kallet. Aqui defendemos que uma preocupação similar com a economia deve ser observada no arco de Terâmenes, nas *Helênicas*.

Embora seja um fato ocasional, é sintomático da relevância da questão econômica nas *Helênicas* que a primeira aparição de Terâmenes⁸³ ocorra em uma narrativa sobre uma ação de guerra relacionada à arrecadação de prata. Na narrativa, de um lado, Terâmenes navegou, vindo da Macedônia, com vinte barcos; de outro, Trasíbulo chega de Tasos com mais vinte naus, estando ambos engajados na coleta de dinheiro (ἡργυρολογηκότες).

Destaca-se que esses são os dois trierarcas⁸⁴ a quem os oito generais da Batalha de Arginusas⁸⁵ deram a ordem de resgatar as naus danificadas durante a batalha. O resgate falho, em razão de más condições climáticas, resulta na perda de vinte cinco naus e seus tripulantes⁸⁶, fato que conduzirá ao ponto fulcral do início das *Helênicas*.

Para além da grande quantidade de menções a coletas de dinheiro e outros bens pelos militares⁸⁷ na narrativa, é de se perceber que, no campo diplomático, o favor financeiro dos sátrapas e do Basileu persa é outro ponto fundamental do discurso, tendo Tissafernes, sátrapa da Lídia, revelado a Alcibíades que o Basileu o tinha obrigado a entrar em guerra com Atenas⁸⁸, uma virada importante da situação de Atenas. Inclusive, a falta de bens e do favor financeiro do Basileu persa são mencionados por Alcibíades como a causa da necessidade de muitas incursões para recolhimento de bens⁸⁹.

Além disso, quanto à questão militar, o arco de Terâmenes é marcado pelo deslocamento das principais batalhas para o cenário da região iônica, onde se situa o posto avançado dos atenienses (Samos) e para o Helesponto (ao norte da região iônica), ambos

⁸³ ἐπεὶ δ' ἦλθον, ἀνάγεσθαι ἤδη αὐτοῦ μέλλοντος ὡς ἐπὶ ναυμαχίαν ἐπεισπλεῖ Θηραμένης εἴκοσι ναυσὶν ἀπὸ Μακεδονίας, ἅμα δὲ καὶ Θρασύβουλος εἴκοσιν ἐτέραις ἐκ Θάσου, ἀμφοτέρω ἡργυρολογηκότες. (*Hell.* 1.1.12).

⁸⁴ É importante destacar, embora não trabalhemos nesse artigo esse tema, que a própria trierarquia tem uma conotação econômica de financiamento da *Polis*, eis que ser um trierarca implicava em financiar a manutenção naval. Sobre o tema da liturgia da trierarquia como mecanismo de financiamento privado do poder público *vide* Kaiser (2007).

⁸⁵ Arginusas é região insular próxima à grande ilha de Lesbos.

⁸⁶ *Hell.* 1.6.34.

⁸⁷ *Hell.* 1.1.8; 1.1.12; 1.1.21; 1.1.22; 1.2.4; 1.3.8; 1.4.8; 2.1.5.

⁸⁸ *Hell.* 1.1.9.

⁸⁹ *Hell.* 1.1.14. Outras secções onde o favor persa é relevante para suprimentos, inclusive (mas não só) pagamento em prata: 1.1.24;

movimentos táticos com razões relacionadas, nas descrições dos textos antigos, ao financiamento de Atenas.

Segundo Tucídides⁹⁰, quando, em 411 AEC, os atenienses em Samos pretendiam voltar a Atenas para enfrentar os Quatrocentos, Alcibíades os convenceu a permanecer em Samos, porque isso garantia as possessões de Helesponto e da Iônia. Além disso, a posse de Samos em passagem anterior⁹¹ é qualificada como condição do acesso marítimo ao Pireu (ἐς τὸν Πειραιᾶ ἔσπλου).

Se mesmo em Tucídides a dimensão econômica desse deslocamento da guerra não é isolada, haja vista a notória função militar do Pireu e também das possessões imperiais, nas *Helênicas* a percepção de necessidade intencional de manutenção⁹² do deslocamento dos esforços de guerra para a região do Helesponto é atribuída ao diarca Agis – que, ao perder uma batalha na Ática⁹³, produz uma descrição do autor que não deixa margem para dúvida da existência, na narrativa, de um interesse relacionado aos recursos de Atenas.

A circunstância que mencionamos é a seguinte. Derrotado em batalha por forças lideradas por Trásilo, em 410 AEC, Agis viu, da fortificação de Deceleia, o “grande número de barcos de grãos navegando ao Pireu”, o que o fez dizer que seria inútil tentar impedir os atenienses de acessar suas terras na Ática a menos que ocupassem a região de onde vinham os grãos por mar. Sua ação seguinte foi a condução diplomática com a Calcedônia e Bizâncio, enviando Clearco, filho de Rânfio, para a região do Helesponto⁹⁴.

Na narrativa, as disputas territoriais desembocam em uma vitória de Atenas, que gerou um acordo entre as forças de Alcibíades e Farnabazus para que o sátrapa do norte da Anatólia pagasse vinte talentos aos atenienses e contactasse o Basileu persa para uma proposta de conciliação com os atenienses⁹⁵.

Entretanto, em sentido oposto a essa virada das forças ligadas a Alcibíades, outro marco aponta uma alteração econômica no contexto da guerra: no ano de 407 AEC, Ciro,

⁹⁰ Thuc. 8.86.

⁹¹ Thuc. 8.76.

⁹² Fala-se em manutenção consciente da mudança porque desde o início da narrativa (*Hell.* 1.1.2) o conflito já está narrado com deslocamento ao Helesponto.

⁹³ Conforme Tucídides (7.19), Agis tomou a Deceleia em 413 com uma fortificação permanente.

⁹⁴ Ἄγισ δὲ ἐκ τῆς Δεκελείας ἰδὼν πλοῖα πολλὰ σίτου εἰς Πειραιᾶ καταθέοντα, οὐδὲν ὄφελος ἔφη εἶναι τοὺς μετ’ αὐτοῦ πολὺν ἤδη χρόνον Ἀθηναίους εἶργειν τῆς γῆς, εἰ μὴ τις σχήσοι καὶ ὄθεν ὁ κατὰ θάλατταν σῖτος φοιτᾷ: κράτιστόν τε εἶναι καὶ Κλέαρχον τὸν Ῥαμφίου πρόξενον ὄντα Βυζαντίων πέμψαι εἰς Καλχηδὼνα τε καὶ Βυζάντιον. (*Hell.* 1.1.35).

⁹⁵ *Hell.* 1.3.8.

o Jovem, é enviado pelo Basileu para apoiar os espartanos⁹⁶. No desenrolar dos acontecimentos, ao retornar a Atenas, Alcibíades consegue se defender de qualquer hostilidade na Ática e recebe a nomeação como liderança absoluta (ἡγεμῶν αὐτοκράτωρ), seguindo para a base de Samos⁹⁷. Na posição *ex adversa* do conflito nessa narrativa, Lisandro, que tinha o comando da frota (ναυαρχία) espartana em 407 AEC, é narrado como trafegando pela costa iônica até a chegada de Ciro, o Jovem, em Sardis⁹⁸. A prodigalidade do favor de Ciro na narrativa das *Helênicas* em relação aos espartanos chama bastante atenção.

Não só é atribuída à personagem a intenção de fornecer aos espartanos o chamativo valor de quinhentos talentos que trouxe consigo, mas também diz ela que, se isso não fosse o suficiente, usaria seu próprio dinheiro; se ainda assim fosse necessário, quebraria o próprio trono de ouro e prata em que estava sentado⁹⁹. Após concluídos os tratos com os espartanos, Ciro negou-se, diante do conselho de Tisafernes, a receber embaixadores atenienses, como forma de não privilegiar uma parte na batalha¹⁰⁰, como vinha fazendo o outro.

Esse mecanismo narrativo de descrição superlativa da intervenção de Ciro parece indicar uma inclinação do autor de apresentar a interferência econômica do persa como verdadeiramente substancial para mudar os rumos do conflito.

É após essa reconfiguração no mapa da disputa que Alcibíades, para auxiliar Trasíbulo (que vem do Helesponto) em um ataque sobre a Fócea, deixa Antioco em Samos, com o dever de não atacar Lisandro. A desobediência (ou erro tático) de Antioco gerará, na Batalha de Notio, a morte do próprio Antioco, uma pequena derrota ateniense para Lisandro e a perda de credibilidade de Alcibíades, que veria a nomeação de dez novos generais (στρατηγούς) após o ocorrido. Com isso, Alcibíades decide abandonar a guerra e pegar uma trirreme para seu castelo no Queroneso¹⁰¹.

Findado o mandato de Lisandro como navarca, em 406 AEC, foi Callicrátidas quem o substituiu; herdeiro da frota organizada por Lisandro, obteve 140 barcos para

⁹⁶ *Hell.* 1.4.4.

⁹⁷ *Hell.* 1.4.21-4.

⁹⁸ *Hell.* 1.5.1.

⁹⁹ *Hell.* 1.5.3.

¹⁰⁰ *Hell.* 1.5.9. Para a instrução dada por Alcibíades nesse sentido, quando ele estava na corte de Tisafernes *vide* Thuc. 8.46.

¹⁰¹ *Hell.* 1.5.11-7

administrar, mas foi recebido com resistência tanto pelos partidários de Lisandro e quanto por Ciro, o Jovem, o que gera um discurso de indignação sobre a dependência espartana do favor persa, além de iniciativas alternativas, como incursões navais, para recolher valores para sua atividade¹⁰².

É nesse contexto que começam a se estruturar nas *Helênicas* as informações que servem de base para a descrição do que vai ser a Batalha de Arginusas, que desemboca no papel importante de Terâmenes na crise de Atenas. O navarca espartano Callicrátidas consegue, com uma força considerável de 170 barcos, sitiá-los Conon, Leon e Erasínides – três generais atenienses¹⁰³ – no porto de Mitilene, em Lesbos, após fazê-los perder 30 barcos. E, nesse momento, é mencionado novamente o dinheiro de Ciro¹⁰⁴. Se nossa leitura está correta, o que a narrativa parece apresentar é que o auxílio de Ciro aos espartanos influiu a proporção do evento da Batalha de Arginusas, de modo que, quando os atenienses na cidade tomam conhecimento do ocorrido, eles votam um resgate com dimensão que o autor parece querer destacar com alguma ênfase.

Mencionada uma frota de 110 barcos tripulada em trinta dias, o texto parece sinalizar excepcionais, como a embarcação de todos em idade para tanto, livres ou escravos (ισθιβάζοντες τοὺς ἐν τῇ ἡλικίᾳ ὄντας ἅπαντας καὶ δούλους καὶ ἐλευθέρους), havendo inclusive um destaque à afirmação de que muitos dos cavaleiros compunham o contingente embarcado (εἰσέβησαν δὲ καὶ τῶν ἰππέων πολλοί)¹⁰⁵. Ao final da reunião o autor não enumera a quantidade exata de barcos atenienses, apenas enunciando que eram mais de 150 (ἐγένοντο δὲ αἱ πᾶσαι πλείους ἢ πεντήκοντα καὶ ἑκατόν)¹⁰⁶.

A imprecisão na descrição chama atenção, já que, embora a frota de Callicrátidas ao total fosse de 170 naus, o cerco em Lesbos fora mantido com 50 delas, desfalcando o contingente que se bateria com a frota ateniense de “mais de 150 barcos”.

A frota espartana, portanto, era menor no combate. E isso é enunciado de maneira dramática como algo que poderia gerar a capitulação espartana, pois o narrador dá voz ao capitão de Callicrátidas, Hermon de Megara, a sugerir que, diante da quantidade muito

¹⁰² *Hell.* 1.6.8-11.

¹⁰³ *Hell.* 1.6.16-17.

¹⁰⁴ *Hell.* 1.6.18.

¹⁰⁵ *Hell.* 1.6.24.

¹⁰⁶ *Hell.* 1.6.25.

maior de trirremes dos atenienses, seria plausível navegar para longe do combate (ὅτι εἴη καλῶς ἔχον ἀποπλεῦσαι: αἱ γὰρ τριήρεις τῶν Ἀθηναίων πολλῶ πλείους ἦσαν)¹⁰⁷.

Morto Callicrátidas, posta em fuga a frota espartana remanescente, os generais comandam uma ação para romper o bloqueio em Mitilene, deixando os trierarcas Terâmenes e Trasíbulo e alguns taxiarcas com o número – não inexpressivo, destaca-se – de quarenta e sete naus para resgatar os náufragos¹⁰⁸. Entretanto, narra-se que o vento e a tempestade impediram a realização das medidas, apesar dos desejos dos envolvidos¹⁰⁹.

O subterfúgio utilizado por Eteônico, liderança espartana no cerco, para fugir dos atenienses, com a divulgação de uma mentira para os espartanos de que a guerra acabou com a vitória espartana de Callicrátidas, beira a narrativa cômica¹¹⁰. Não conseguindo alcançar Eteônico em fuga para Quios, os generais atenienses voltam para o porto de Samos.

Esses elementos narrativos, combinados em uma linha contínua, apontam para a descrição de uma cena com as seguintes características: em que pese a influência de Ciro, o Jovem, sobre os espartanos – tendo, sim, inflado sua capacidade naval a níveis que tornavam razoável um esforço militar excepcional de Atenas e mesmo depois do desastre de Siracusa –, ainda assim os atenienses conseguiam estruturar uma armada naval superior e vencer uma batalha de grandes proporções, em uma vitória tão evidente que, em que pesem as baixas, parece dar uma tonalidade que beira o cômico sobre a imagem dos derrotados espartanos.

É importante notar, portanto, que o poder bélico de Esparta, inflado por Ciro, o Jovem, naquele momento da narrativa ainda não havia sido causa decisiva para a derrocada de Atenas. Mas é no resultado dessa vitória que a narrativa das *Helênicas* começa uma virada: tanto no que toca o assunto da narrativa quanto nos elementos da exposição, eis que o foco do campo de batalha dá lugar a um foco maior em discussões de política interna.

Após isso, o retorno narrativo ao desenrolar militar será já a descrição da vitória de Esparta sob Lisandro no Helesponto. Nesse entremeio, o desenrolar da narrativa sobre

¹⁰⁷ *Hell.* 1.6.32.

¹⁰⁸ A quantidade não diminuta de naus dispostas será considerada na apologia de Euripólemos (*Hell.* 1.7.30).

¹⁰⁹ ταῦτα δὲ βουλομένους ποιεῖν ἄνεμος καὶ χειμῶν διεκώλυσεν αὐτοὺς μέγας γενόμενος (*Hell.* 1.6.35).

¹¹⁰ *Hell.* 1.6.36-7.

a figura de Terâmenes ganha algum destaque. A seguir, trataremos, enfim, da exposição flagrantemente negativa sobre Terâmenes nesse momento da narrativa e como a conexão com os elementos até agora expostos parecem sinalizar para a unidade da narrativa acerca dessa personagem.

4 DESLOCAMENTO MORAL NO ARCO DE TERÂMENES (*HELL.* 1.7.1 - 2.4.1)

4.1 A PARTICIPAÇÃO DE TERÂMENES NA CONDENAÇÃO DOS GENERAIS (*HELL.* 1.7.1. – 1.7.35) E NA PRESSÃO DO CERCO SOBRE ATENAS (*HELL.* 2.2.16 – 2.2.23)

Muitas vezes a narrativa sobre a condenação dos generais é vista como um retrato depreciativo do povo ateniense. A formulação fundamental que serve a isso é a afirmação feita no seio da multidão de que seria algo terrível não permitir que o povo faça o que queira (τὸ δὲ πλῆθος ἐβόα δεινὸν εἶναι εἰ μὴ τις ἐάσει τὸν δῆμον πράττειν ὃ ἂν βούληται)¹¹¹.

Entretanto, como bem já destacou Sano em ao menos duas de suas publicações¹¹², muitos fatores da narrativa contribuem para uma imagem pouco depreciativa especificamente direcionada ao povo (δῆμος), em especial por causa da ação de Terâmenes na composição das razões de decidir da Eclésia.

Na narrativa, depostos os generais, com exceção de Conon¹¹³ (aquele que estava liderando os atenienses sob sítio em Lesbos), houve apenas uma acusação contra um deles: perante o dicastério, Arquedemos alegou que Erasinides teria ficado com a riqueza do povo de origem do Helesponto (φάσκων ἐξ Ἑλλησπόντου αὐτὸν ἔχειν χρήματα ὄντα τοῦ δήμου), além de tê-lo processado também por má condução como general (κατηγορεῖ δὲ καὶ περὶ τῆς στρατηγίας).

Ao dicastério, pareceu que Erasinides deveria ser preso (ἔδοξε τῷ δικαστηρίῳ δῆσαι τὸν Ἐρασινίδην), o que levou os generais a uma exposição perante a Bulé sobre a batalha naval e a magnitude da tempestade (ἐν τῇ βουλῇ διηγοῦντο οἱ στρατηγοὶ περὶ τε τῆς ναυμαχίας καὶ τοῦ μεγέθους τοῦ χειμῶνος). Foi então que Timócrates sugeriu

¹¹¹ *Hell.* 1.7.12.

¹¹² SANO, Lucia. O povo Arrependido: Xenofonte e o julgamento dos generais da Batalha de Arginusas. In: SEBASTIANI, Breno Battistin (coord.); LEÃO, Delfim (coord.); SANO, Lucia (coord.); SOARES, Martinho (coord.); WERNER, Christian (coord.). **A poiesis da democracia**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018 e Id. Terâmenes nas Helênicas de Xenofonte. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, n. 23, p. 24-84, 2021.

¹¹³ *Hell.* 1.7.1.

que os demais generais deveriam ser processados pelo povo, tendo a Bulé os emprisado¹¹⁴.

É só então que a Eclésia é convocada. Na primeira linha da convocação da Eclésia, Terâmenes já aparece como protagonista, pois a narrativa afirma que, tendo ouvido muitos acusadores contra os generais, seria ele o mais intenso (έν η τῶν στρατηγῶν κατηγοροῦν ἄλλοι τε καί Θηραμένης μάλιστα)¹¹⁵.

A prova (μαρτυρέω) exibida pelo “maior” acusador, na narrativa, Terâmenes, soa estranha, eis que ela seria substanciada por nada mais que uma carta enviada pelos generais à Bulé e ao povo em que os generais não culpavam outra coisa senão a tempestade pelo ocorrido (έπιστολήν έπεδείκνυε μαρτύριον ην έπεμψαν οί στρατηγοί εις τήν βουλήν καί εις τόν δήμον, ἄλλο οὐδέν αιτιώμενοι η τόν χειμῶνα)¹¹⁶.

Importante notar que a narrativa descreve que os generais não atacaram Terâmenes primeiro. Exatamente o contrário.

Em resposta à acusação de Terâmenes, mesmo que falando apenas brevemente (βραχέως), não tendo sido dado a eles o tempo garantido por norma (οὐ γάρ προυτέθη σφίσι λόγος κατὰ τόν νόμον), os generais teriam argumentado que nomearam para a tarefa dois trierarcas que já haviam sido generais (έστρατηγηκόσιν), Terâmenes e Trasíbulo, mas que mesmo que eles fossem mais responsáveis do que os próprios generais, não deveria ser substituída a falsa acuação por outra, dado que fora de fato a violência da tempestade que impediu a recuperação (καί οὐχ ὅτι γε κατηγοροῦσιν ήμῶν, έφασαν, ψευσόμεθα φάσκοντες αὐτούς αιτίους εἶναι, ἄλλὰ τὸ μέγεθος τοῦ χειμῶνος εἶναι τὸ κωλύσαν τήν ἀναίρεσιν)¹¹⁷, sendo essa a razão da carta culpar a tempestade.

Sem intervenção de voz de outras personagens, a narrativa claramente expõe Terâmenes como o maior acusador, usando como evidência o documento em que os generais teriam afirmado que “a tempestade é a culpada”, sendo que os generais, em sua defesa, sustentaram ser essa uma afirmação que exatamente visava proteger Trasíbulo e Terâmenes, já que ninguém deveria ser responsabilizado.

¹¹⁴ *Hell.* 1.7.2-3.

¹¹⁵ *Hell.* 1.7.4.

¹¹⁶ *Hell.* 1.7.4.

¹¹⁷ *Hell.* 1.7.6.

Não só isso, com os testemunhos de capitães e muitos outros almirantes, diz o texto, o povo estava inclinado à persuasão de sua inocência (τοιαῦτα λέγοντες ἔπειθον τὸν δῆμον). Apenas o inconveniente do tardar da noite impediu a votação com essa tendência. Ficou então a cargo da Bulé apresentar a proposição preliminar (προβούλευμα) sobre em que termos os generais deviam ser julgados¹¹⁸. E também aí entrevistou Terâmenes, convencendo Callixenos a acusar os generais na Bulé. Além disso, Terâmenes mobiliza uma encenação de sofrimento coletivo pela morte daqueles que morreram em batalha¹¹⁹, para instigar os atenienses à condenação.

O tom da apresentação dos fatos processuais é sempre de agenciamento por parte de Terâmenes, agenciamento claramente doloso, em circunstâncias contextuais (a pretensão dos generais de proteger Trasíbulo e Terâmenes) que só agravam o teor da imagem de Terâmenes.

Quando apresentada a proposição de Callixenos e um testemunho, Euríptolemo toma a palavra e, entre várias outras coisas, acusa a proposição de Callixenos (destacasse, de iniciativa de Terâmenes) de contrária às normas (παράνομα), sendo elogiado por alguns do povo (τοῦ δὲ δήμου ἔνιοι ταῦτα ἐπήνουν)¹²⁰. É nesse exato contexto que aparece a formulação de que, em oposição a esses alguns do povo, havia já muitas pessoas a afirmar que seria terrível não permitir ao povo fazer o que ele deseja. Essa disposição do povo foi criada nitidamente com, ao menos, concausa das ações de Terâmenes.

Após longa exposição, Euríptolemo é derrotado na sua proposição de fazer com que os acusados fossem, pelo menos, julgados individualmente e com o período de um dia para cada um, a fim de que houvesse tempo para apresentarem suas razões, ofertando que seu familiar fosse o primeiro. Mesmo assim, a narrativa aponta que, antes da decisão final, Euríptolemo teria recebido o favor popular em relação a seu parecer dentre as duas opções colocadas (τούτων δὲ διαχειροτονουμένων τὸ μὲν πρῶτον ἔκριναν τὴν Εὐρυπτολέμου), efetivamente, portanto, vencendo uma votação, antes de Menecles interpor uma objeção que forçou segunda votação que os condenou¹²¹.

¹¹⁸ *Hell.* 1.7.8.

¹¹⁹ *Hell.* 1.7.8.

¹²⁰ *Hell.* 1.7.12.

¹²¹ *Hell.* 1.7.34.

É de se notar, como Sano tem feito¹²², que pode haver uma crítica pressuposta à ação da Eclésia, sob efeito de algo que é conceptualizado em grego como ὀργήν, um impulso irritado imediato (que aparece bem descrito em *Hell.* 5.3.1-6)¹²³ e a própria pressa do julgamento¹²⁴.

Mas é preciso notar também que, mesmo que a decisão da Eclésia tenha sido motivada por uma raiva irracional de um movimento coletivo, ela foi induzida por indubitável dolo e falsificação da realidade. Tais causas são relatadas explicitamente como capazes de reverter uma tendência que era presente no dia anterior apenas após longa disputa e manobras emocionais e processuais, todas agenciadas na narrativa por Terâmenes. Além de que, em seguida, o povo é apresentado como arrependido da decisão (οὐ πολλῶ χρόνῳ ὕστερον μετέμελε τοῖς Ἀθηναίοις), tendo processado os que enganaram o povo (τὸν δῆμον ἐξηπάτησαν)¹²⁵.

Após a narrativa sobre essa evidentemente tensa decisão, deve-se notar que não mais haveria arcos complexos sobre o combate militar antes da derrocada de Atenas. Lisandro, ao retomar uma atividade preponderante na armada naval espartana, é apresentado como o realizador daquele projeto de Agis – no sentido de navegar até o Helesponto a fim de cortar o tráfego de navios de grãos que se revoltaram contra os lacedemônios¹²⁶ – e, ao desenrolar do enfrentamento entre as forças de Lisandro e de Conon, a narrativa aponta para uma completa desorganização naval ateniense, inclusive com uma aversão à ajuda de Alcibíades¹²⁷.

Tendo Lisandro obtido óbvia vitória, ao destruir a influência de Atenas no seu império talassocrático, Lisandro conscientemente permite o retorno pacífico de seus adversários a Atenas, tendo em vista a percepção econômica de que a cidade de Atenas suportaria menos o cerco quanto mais habitantes houvesse na *polis* consumindo os víveres dentro dos muros¹²⁸.

Mais uma vez, Terâmenes entra em cena sob um aspecto nitidamente crítico na narrativa contra ele. Obtendo seleção para representar os interesses dos atenienses,

¹²² Em especial a posição é bem visualizada em SANO, Lucia, 2018.

¹²³ Para uma análise sobre o papel da ὀργή na obra de Xenofonte, *vide* Tuci (2019, p. 25-44).

¹²⁴ Essa dicotomia pode, inclusive, ser um mote grego, dada a aparição em Thuc. 3.42.

¹²⁵ *Hell.* 1.7.35.

¹²⁶ *Hell.* 2.1.17.

¹²⁷ *Hell.* 2.1.28.

¹²⁸ *Hell.* 2.2.2.

dolosamente ele se mantém sem retorno durante mais de três meses para que, na falta de provisões, os atenienses aceitem mais facilmente qualquer coisa que lhes fosse proposto¹²⁹.

Note-se que o narrador não opta por apenas especular sobre as possibilidades das intenções e razões da demora, pois ele efetivamente afirma, novamente sem intermédio de personagens, a postura dolosa de Terâmenes, o que culmina na rendição de Atenas e no surgimento do novo regime, o dos Trinta tiranos.

Assim, diante de tudo o que foi dito, se há uma coerência valorativa (e é isso que defendemos) acerca do desenvolvimento da imagem da personagem no que resolvemos chamar de “arco de Terâmenes”, torna-se muito improvável a tese geralmente aceita, já bem rechaçada por Sano, de que Terâmenes nas *Helênicas* é a representação dúbia de um oligarca moderado. Qualquer leitura nesse sentido em regra precisará assumir um pressuposto extratextual para justificar a incoerência entre a imagem até aqui apresentada e a suposta apologia que apareceria no fecho do arco, quando da intriga entre Terâmenes e Crítias. Ou será necessário pressupor uma fragmentação episódica entre as apresentações dentro do texto.

4.2 O FECHO DO ARCO: MODERAÇÃO OU INSUSTENTABILIDADE? (2.3.15 – 2.4.1)

Terâmenes, após dolosamente contribuir para a derrocada de Atenas, é um dos Trinta selecionados para escrever as normas do regime (οἱ τοὺς πατρίους νόμους συγγράψουσι, καθ’ οὓς πολιτεύσουσι)¹³⁰. Conforme as *Helênicas*, Terâmenes, no primeiro momento, homologava as posições de Crítias e era amigável a elas (τῷ μὲν οὖν πρώτῳ χρόνῳ ὁ Κριτίας τῷ Θηραμένει ὁμογνώμων τε καὶ φίλος ἦν), mas, quando Crítias começou a matar muitos (ἐπὶ τὸ πολλοὺς ἀποκτείνειν), passou a se opor (ἀντέκοπτε). No entanto – como já mencionamos e foi bem destacado por Sano –, essa oposição é plenamente compatível com a noção grega de um tipo de *Realpolitik*.

¹²⁹ πεμφθεὶς δὲ διέτριβε παρὰ Λυσάνδρῳ τρεῖς μῆνας καὶ πλείω, ἐπιτηρῶν ὅποτε Ἀθηναῖοι ἔμελλον διὰ τὸ ἐπιλελοιπέναι τὸν σῆτον ἅπαντα ὅ τι τις λέγοι ὁμολογήσειν. (*Hell.* 2.2.16).

¹³⁰ *Hell.* 2.3.2.

A primeira linha do argumento de Terâmenes na narrativa de oposição a Crítias expressa preocupação com si próprio ao fazer uma denúncia de erro tático na perseguição daqueles estimados pelo povo, pois Terâmenes, em oposição à perseguição, propõe uma reflexão sobre eles próprios poderem ser enquadrados dentre os perseguidos, ao “ter dito: e tanto eu quanto você, muitas coisas de fato temos feito e dito na *polis* para agradar” (ἐπεὶ καὶ ἐγὼ, ἔφη, καὶ σὺ πολλὰ δὴ τοῦ ἀρέσκειν ἔνεκα τῆ πόλει καὶ εἵπομεν καὶ ἐπράξαμεν)¹³¹.

Não só o trecho tem uma vocação premonitória de sua condenação própria, sendo autocentrada, mas é de se notar também que Terâmenes expressa uma preocupação quanto à hipótese de isolamento dos Trinta perante uma força cada vez maior dos adversários. Não se trata (ao menos não necessariamente) de uma posição moral contra outra imoral, mas de dois dos Trinta tiranos divergindo quanto aos meios de manter o regime.

Enquanto, por um lado, Crítias representa a proposição de que o governo oligárquico tem que eliminar todos os possíveis adversários – como, segundo ele, seria feito em uma tirania de um só, ao tempo em que também acha suficiente convidar apenas três mil para exercer algum controle político a partir da Ágora (τῶν μὲν τρισχιλίων ἐν τῆ ἀγορᾷ)¹³² –, por outro, Terâmenes o critica porque teme os efeitos dos ataques desmesurados e os efeitos de manter apenas um pequeno grupo dentre os aliados.

Embora se tenha o costume de focar em suas fundamentações de justiça, aqui se quer destacar os argumentos de Terâmenes sobre o temor do isolamento tático, enaltecendo que as afirmações sobre justiça de Terâmenes não são afirmações do narrador, mas teses da personagem, o que deve ser encarado no aspecto tão bem destacado já na literatura antiga sobre a sagacidade retórica do sujeito em questão.

Por sua vez, quando do confronto das duas personagens, Crítias não apenas ataca Terâmenes com mero sacudir retórico de palavras manipuladoras que ofendem sua honra. Embora também domine a arte do discurso, Crítias teme que Terâmenes use sua articulação para novamente derrubar um regime a favor dos interesses próprios de Terâmenes (capacidade exaustivamente demonstrada pela primeira parte da narrativa).

¹³¹ *Hell.* 2.3.15.

¹³² *Hell.* 2.3.17-20.

Estruturalmente, é dedutivo que a divergência de métodos entre tiranos coautores possa implicar na derrubada (e consequente morte) da parte *ex adversa*. Deduz-se que isso é óbvio na estrutura narrativa de textos de historiografia grega, que mostra vários exemplos de ocorrências nesse sentido; mas também é preciso notar que a concepção de impossibilidade de amizade na circunstância de tirania aparece em outro texto atribuído a Xenofonte, o *Hieron*, que afirma, como apontou Sano¹³³, que muitos irmãos na tirania assassinaram uns aos outros (πολλοὺς δὲ ἀδελφούς ἐν τυραννίσιν ἀλληλοφόνους γεγενημένους)¹³⁴.

Sano não ressaltou, no entanto, que, gramaticalmente, a conotação de morticínio em ἀλληλοφόνους é ambidestra, pela marca do prefixo. Dessa forma, caso haja uma unidade no arco de Terâmenes, a narrativa das *Helênicas* pode ter uma coerência interna que nos permite rever a formulação popular entre acadêmicos sobre a figura de Terâmenes supostamente “ambígua” em uma proposição ainda mais radical que a de Sano.

Boa parte da tradição vê valoração positiva sobre Terâmenes. Normalmente, a justificativa para tanto não é tirada imediatamente do texto e, para fazer sentido, exige considerações extratextuais que sempre pressupõem uma admiração do autor pela hipotética “oligarquia moderada” que Terâmenes supostamente representaria. Sano, por sua vez, foca em Crítias como o elo do par que representa a tirania que não permite amizade.

Nossa hipótese é que, na unidade do arco, não se trata de um tirano (Crítias) de um lado, e de uma vítima moderada, de outro, mas da expressão retórica, na narrativa do texto, da consequência da relação entre duas tiranias individualizadas que não permitem a amizade.

É preciso perceber que a narrativa não precisou investir tempo na elaboração de Crítias como tirano, pois essa imagem talvez fosse óbvia para o observador de seu tempo¹³⁵, mas há volumoso empenho do autor da obra no arco que percorremos – conforme pretendemos ter demonstrado – para elidir qualquer polêmica sobre o caráter tirânico de Terâmenes.

¹³³ SANO, 2021, p. 79.

¹³⁴ Xen. *Hier.* 3.8.

¹³⁵ Cabe destacar como efeito disso que, muitos anos mais tarde, nem mesmo Filostrato, em *Vida dos Sofistas*, que tanto é elogioso aos sofistas, tenta minimamente desabonar Crítias, embora valorize a obra atribuída a ele como sofística.

Caso isso seja verdadeiro, o medo entre ambas as personagens deve ser visto como ambivalente, não como uma tomada de posição do autor em relação a um desses dois lados do conflito. Se Terâmenes vencesse o debate não só seria “poupado”, mas, provavelmente, teria poderes para depor Crítias.

Assim, a caracterização de Terâmenes como Coturno (κόθορνος)¹³⁶ não é apenas uma verbalização intertextual de uma personagem tirânica que não deve ser considerada, mas a exposição de um polo de um conflito entre dois tiranos, com base em coisas que são consideradas fatídicas acerca da figura de Terâmenes no decorrer da narrativa antes daquele conflito e sem o intermédio de qualquer personagem. Se o texto não apresenta fora da fala de Crítias a traição em favor dos Quatrocentos e contra os Quatrocentos (o que é narrado em Tucídides), de modo a servir de prova da alegação de Crítias, a narrativa das *Helênicas* corrobora a imagem de articulador quando da abordagem sobre Terâmenes na questão de Arginusas e na rendição de Atenas, fora do conflito entre os dois tiranos.

Quando Crítias traz à baila a acusação que fez contra os generais e Terâmenes se defende dizendo que foi acusado primeiro, a reminiscência da narrativa anterior parece ter a função de desmentir a defesa de Terâmenes, mostrá-la como parte de eficaz retórica da personagem. Portanto, havendo unidade no texto, quando Crítias afirma a tendência de manipulação de Terâmenes no seu interesse próprio, a construção narrativa anterior (sobre Arginusas e sobre a capitulação de Atenas) tem uma função proléptica, de modo que o texto põe os dois em pé de igualdade quanto à caracterização de tiranos.

Lembramos que o trecho da resposta de Terâmenes que segue¹³⁷ é uma literal apologia da própria personagem, e não um elogio do autor a Terâmenes.

Dessa forma, não surpreende que, tomada a palavra, Terâmenes se saia tão bem perante o conselho, defendendo a tese de que ele representa a “moderação”, de modo que, contra a democracia, não aceita escravos políticos¹³⁸ (o que provavelmente é uma hipérbole que apela ao senso dos oligarcas ali presentes), mas também não adere, contra a oligarquia dos Trinta, ao assassinato de comerciantes e outros importantes homens (como Nicerato, filho de Nícias)¹³⁹. Nas duas faces do argumento polêmico, o discurso de Terâmenes apela às inclinações do público oligarca, de modo que esse discurso tende

¹³⁶ *Hell.* 2.3.30-1.

¹³⁷ *Hell.* 2.3.37-49.

¹³⁸ *Hell.* 2.3.48.

¹³⁹ *Hell.* 2.3.39.

a ser homologado pelos ouvintes dos argumentos do orador, confirmando o temor inicial de Crítias.

Portanto, se estivermos certos, a ironia da situação é que, se anteriormente o poder da articulação de Terâmenes torceu a realidade a ponto de ter sido clamado pelo público o direito da multidão, convencida por Terâmenes, fazer o que quiser – bem como que se inovasse nos trâmites processuais contra-norma no procedimento, o que significava matar os generais ao fim do arco –, com as anteriores instituições silenciadas, mesmo que Terâmenes convença (e esse convencimento é expresso diretamente pelo autor)¹⁴⁰, sua capacidade oratória não tem mais poder decisório.

Se, antes, Terâmenes contribuiu para que o povo clamasse pelo direito de fazer o que deseja, nessa altura da narrativa, a hegemonia de Crítias dá poderes ao último para fazer exatamente o mesmo, sem que a retórica de Terâmenes, embora ainda eficiente, tenha qualquer poder para impedir a realização dos interesses do governo vigente.

Estando certo Terâmenes, são os próprios pressupostos éticos – apresentados pela narrativa como degeneração e que antes ele insuflou na população – que, naquele momento, nas mãos de Crítias, geram o ocaso de Terâmenes.

Se essa leitura está correta, o elogio do autor das *Helênicas*, acompanhado da menção da inconveniência de fazê-lo, ao bom humor de Terâmenes quando do seu arrastar para a cela e do brinde de cicuta, no fechamento do arco, soa como uma ironia pelo desfecho irônico, que talvez sequer se encerre com a morte dele.

Isso porque, se a alegação de Terâmenes fosse de fato de *Realpolitik* e for considerada acertada, o desfecho da intriga pode até ter participação na derrocada do próprio regime dos Trinta, haja vista que se pode interpretar que a resistência de Trasíbulo é bem-sucedida exatamente pela quantidade de inimigos que o regime fez, como alertava Terâmenes por inclinação de interesse próprio.

Portanto, para além da crise financeira – que é apresentada nesse arco como reforçadora do poderio espartano, mas sem capacidade de, sozinha, derrubar Atenas –, há no trecho das *Helênicas* a existência do choque de duas inclinações tirânicas na política interna (uma apresentada em Terâmenes, outra em Crítias), de modo a jamais ser Terâmenes apresentado como um “moderado” elogiado, mas como como alguém que teria papel fundamental na narrativa para explicar o fim não só da democracia, mas a

¹⁴⁰ *Hell.* 2.3.50.

fraqueza do regime oligárquico que se segue e que é incapaz de ouvir seus conselhos para permanecer estável.

É em toda essa circunstância que se chega à conclusão do arco, em que o narrador pronuncia em primeira pessoa o elogio encabulado, após narrar que Terâmenes foi espirituoso quando gritava ao ser arrastado à prisão e ao tomar a cicuta:

Então eles carregaram o homem através da Ágora, enquanto ele muitíssimo gritava, evidenciando o que sofria. É dito que, dentre suas falas, também teve o seguinte. Quando Sátiro disse que se ele (Terâmenes) não se calasse, ele iria sofrer, disse ele: “E acaso eu me cale, não sofreria?”. E também quando de fato se aproximava da morte forçado a beber cicuta, dizem que derrubou, como se faz com o vinho no jogo de Kottabos, o remanescente e disse: “Essa é para o belo Crítias”. E embora não me passe despercebido que esse breve dito não é digno de registro (ἀξιόλογα), eu considero admirável (ἀγαστόν) que no instante da morte deste homem, ele não deixou a mente se desprover da impassividade (τὸ φρόνιμον) nem do senso de humor (τὸ παιγνιῶδες)¹⁴¹.

Em síntese, Terâmenes é retratado na narrativa fazendo o que fez com os generais de Arginusas, nas circunstâncias especificadas de violação da lei, manipulação dos sentimentos com encenações falsas e traição daqueles que o queriam proteger e com os concidadãos quando de sua estadia com Lisandro por três meses, para de propósito os fazer passar carestias e ceder ao inimigo o máximo possível.

Ao lado das questões econômicas mais gerais, tais atos de política interna são narrados claramente como contributos para a derrocada do regime e para a ascensão daquele que condenaria à morte um dos seus maiores gestantes, segundo o texto.

Se, durante toda a narrativa, o elogio que o autor da obra produz acerca de Terâmenes – marcado pela afirmação de pequenez da consideração (ἀξιόλογα) – refere-se ao quanto que este reagiu com humor ao seu próprio destino, somos da convicção de que esse recurso serve à finalidade de apontar o tom cômico de toda a situação.

Aquele que jogou com a legalidade e tomou posturas adversas, mantendo-se impassivo como pertencente a todos os regimes em que circunstancialmente estavam com força, também impassivo e com brincadeira lida com o resultado catastrófico de seu destino quando finalmente ele é derrotado.

¹⁴¹ *Hell.* 2.3.56.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

Aristófanes

ARISTOPHANES. **Aristophanes Comoediae**, ed. F.W. Hall and W.M. Geldart, vol. 2. F.W. Hall and W.M. Geldart. Oxford: Clarendon Press, 1907.

_____. **Rãs**. Tradução do grego, introdução e comentário de Maria de Fátima Silva. São Paulo: Annablume, 2014.

Aristóteles

ARISTOTLE. **Aristotle in 23 Volumes**, Vol. 18. Tr. G. C. Armstrong. Cambridge: Harvard University Press, 1935.

_____. **Athenaion Politeia**, ed. F. G. Kenyon. Oxford: Oxford University Press. 1920.

_____. **Constituição dos Atenienses**. Introdução, tradução do original grego e notas de Delfim Ferreira Leão. 4 ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

Diodoro Sículo

DIODORUS SÍCULUS. **Diodorus of Sicily in Twelve Volumes**: with an English Translation by C. H. Oldfather. London: Harvard University Press: 1989.

_____. Bibliotheca Historica. Libri XIII-XV. Ed. F. Vogel. Teubner: Beltz Offsetdruck, 1985.

_____. Bibliotheca Historica. Books 11-14.24. Austin: University of Texas Press, 2010.

Lísias

Lysias. **Lysias**: with an English translation by W.R.M. Lamb: London Harvard University Press, 1930.

Tucídides

THUCYDIDES. **The Peloponnesian War**. Tr. Martin Hammond. Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____. **History of the Peloponnesian War**. Tr. Rex Warner. Edição e introdução de M. I. Finley. Londres: Penguin Books, 1974.

_____. **History of the Peloponnesian War**. Book V-VI. Tr. C. F. Smith. Cambridge: Harvard University Press, 1921.

_____. **History of the Peloponnesian War**. Book VII-VIII. Tr. C. F. Smith. Cambridge: Harvard University Press, 1965.

Xenofonte

XENOPHON. **Hellenica**. Books I-V. Tr. Carleton L. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1918.

_____. **Hellenica**. Books VI-VII; **Anabasis**. Books I-III. Tr. Carleton L. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

_____. **O Livro II das Helênicas**. Tr. Antonio Vieira Pinto. Universidade de São Paulo, São Paulo: 2014.

FONTES SECUNDÁRIAS

BÖCKH, August. **Die Staatshaushaltung der Athener**. Vol. 1. 3 ed. Berlin: Georgreimer, 1886.

_____. **The public economy of Athens**, to which is added a Dissertation on the silver mines of Laurion. 2nd ed. Tr. George Cornewall Lewis, London: West Strand, 1842.

BÜCHER, Karl. **Die Entstehung der Volkswirtschaft**. Tübingen: H. Laupp, 1893.

_____. **Beiträge zur Wirtschaftsgeschichte**. Tübingen: H. Laupp, 1922.

CERDAS, Emerson. Estrutura e unidade da primeira parte das “Helênicas” de Xenofonte, **Codex-Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, v. 7. n. 1, 2019.

DAY, James; CHAMBERS Mortimer. **Aristotle’s history of Athenian democracy**. Amsterdam: Adolf Hakkert Publisher, 1967.

DILLERY, J. **Xenophon and the history of his times**. London/New York: Routledge, 1995.

ENGELS, J., Der Michigan-Papyrus über Theramenes und die Ausbildung des 'Theramenes-Mythos', **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, n. 99, p. 125-155, 1993.

FINLEY, M. I. **A economia antiga**. Porto: Afrontamento, 1980.

_____. Aristotle and Economic Analysis. **Past & Present**, n. 47, p. 3–25, 1970.

- _____. **Economy and Society in Ancient Greece**. London: Chatto & Windus, 1981.
- _____. **The Ancient Economy**. Los Angeles: University of California Press, 1973.
- GRAY, V. **The Character of Xenophon's Hellenica**. Baltimore: Johns Hopkins' University Press, 1989.
- HARDING, P. The Theramenes Myth, **Phoenix**, v. 28, n. 1, pp. 101-111, 1974.
- HIGNETT, C. **A History of the Athenian Constitution to the End of the Fifth Century B.C.** Oxford: Clarendon Press, 1952.
- KAISER, Brooks A. The Athenian Trierarchy: Mechanism design for the private provision of public goods. **The Journal of Economic History**. V. 67, n.º 2, jun., 2007 pp. 445-489.
- KALLET, Lisa. **Money and the Corrosion of Power in Thucydides**, 2002.
- _____. **Money, Expense, and Naval Power in Thucydides' History 1.5.24**. Los Angeles: University of California Press, 1993.
- KAPELLOS, Aggelos. **Trends in Classics - Supplementary Volumes: Xenophon's Peloponnesian War**. De Gruyter, v. 82, 2019.
- KEANEY, John J. **The composition of Aristotle's Athenaion Politeia: Observation and explanation**. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- KROEKER, Ron. Xenophon as a critic of the Athenian democracy. **History of Political Thought**, v. 30, n. 2, p. 197-228, 2009.
- LOFTUS, A. A New Fragment of the Theramenes Papyrus (P. Mich. 5796 B), **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, 133, p. 11-20, 2000.
- MACLAREN, Malcolm. A supposed Lacuna at the beginning of Xenophon's Hellenica. **The American Journal of Philology**, v. 100, n. 2, p. 228-238, 1979.
- MEIKLE, Scott. Aristotle and the Political Economy of the Polis. **The Journal of Hellenic Studies**, n. 99, p. 57-73, 1979.
- MEYER, E. **Die wirtschaftliche Entwicklung des Altertums**. Iena: Gustav Fischer, 1895.
- MERKELBACH, R; YOUTIE, H. C. Ein Michigan -Papyrus über Theramenes, **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, n. 2, p. 161-169, 1968.
- MILLETTE, Paul. **Lending and Borrowing in Ancient Athens**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

PALMEIRA, M. “A Economia Antiga é um Campo de Batalha”: história social de uma controvérsia erudita. **Política & Sociedade**, v. 17, n. 38, p. 340–372, 2018.

_____. Moses Finley e a economia antiga: interdisciplinariedade na produção de uma inovação historiográfica. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 8/9/10, 2003.

_____. **Moses Finley e a “economia antiga”**: a produção social de uma inovação historiográfica. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?. Trad. Gustavo de Azambuja Felix. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 6, mar. 2011, p. 113.

PERRIN, Bernadotte. The Rehabilitation of Theramenes. **The American Historical Review**, v. 9, n. 4, 1904.

REIBIG, André. **The Bücher-Meyer controversy**: the nature of the ancient economy in modern ideology. Tese (PhD em Economic History and Conditions) – University of Glasgow, Glasgow, 2001.

RHODES, Peter John. **A commentary on the Aristotelian Athenaion Politeia**. Oxford, Oxford University Press, 1981.

SANO, Lucia. O povo Arrependido: Xenofonte e o julgamento dos generais da Batalha de Arginusas. In: SEBASTIANI, Breno Battistin (coord.); LEÃO, Delfim (coord.); SANO, Lucia (coord.); SOARES, Martinho (coord.); WERNER, Christian (coord.). **A poiesis da democracia**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

_____. Terâmenes nas Helênicas de Xenofonte. **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**, n. 23, p. 24-84, 2021.

SEBASTIANI, Breno Battistin; LEÃO, Delfim F. Crises e mudanças na democracia ateniense: a atuação de Terâmenes entre oportunismo, legalismo e a ‘terceira via’. **Boletim De Estudos Clássicos**, n. 65, p. 35-55, 2020.

SMITH, S. B. The Economic Motive in Thucydides. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 51, p. 267–301, 1994.

TUCI, Paolo A. “Apronoetos Orge”: the role of anger in Xenophon’s vision of History. In: KAPELLOS, Aggelos. **Trends in Classics - Supplementary Volumes: Xenophon on violence**. De Gruyter, v. 88, 2019, p. 25-44.

WOLPERT, Andrew. **Remembering Defeat: Civil War and Civic Memory in Ancient Athens.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2002.

Eu, Pedro Ivo Souza de Alcântara, declaro, para todos os efeitos, que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Economia e moral no arco de Terâmenes (Hell. 1.1.12 - 2.4.1): Questões político-econômicas na queda do Império Ateniense” foi integralmente por mim redigido e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.